

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Guilherme Cunha Jeffe

**O BASQUETE E OS NACIONALISMOS CROATA E SÉRVIO:  
O CASO “ONCE BROTHERS”**

Santa Maria, RS  
2023

Guilherme Cunha Jeffe

**O BASQUETE E OS NACIONALISMOS CROATA E SÉRVIO:  
O CASO “ONCE BROTHERS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Ferraz da Silveira

Santa Maria, RS  
2023

**Guilherme Cunha Jeffe**

**O BASQUETE E OS NACIONALISMOS CROATA E SÉRVIO:  
O CASO “ONCE BROTHERS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em 06 de dezembro de 2023

---

**José Renato Ferraz da Silveira, Drº (UFSM)  
(Presidente/Orientador)**

---

**Thomaz Francisco Silveira De Araujo Santos, Drº (UFSM)**

---

**Arthur Coelho Dornelles Júnior, Drº (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO ESTADO IUGOSLAVO E SUAS CONTRADIÇÕES.....</b>	<b>14</b>
2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	14
2.2 A ORIGEM DA IUGOSLÁVIA COMO ESTADO-NAÇÃO.....	18
2.3 O TITOÍSMO E O PÓS-TITOÍSMO.....	23
<b>3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DE NAÇÃO E NACIONALISMO.....</b>	<b>29</b>
3.1 NAÇÃO E NACIONALISMO.....	30
<b>3.1.1 Modernismo.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1.2 Primordialismo.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1.3 Perennialismo.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1.4 Pós-modernismo.....</b>	<b>34</b>
<b>3.1.5 Etno-simbolismo.....</b>	<b>35</b>
3.2 FENÔMENOS MODERNOS.....	35
3.3 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE PARA A NAÇÃO E O NACIONALISMO.....	39
<b>4 O CASO “ONCE BROTHERS” .....</b>	<b>42</b>
4.1 A GRANDE CONQUISTA DA GRANDE GERAÇÃO.....	43
4.2. A RUPTURA E O CONTEXTO DA ÉPOCA.....	46
4.3 AS OLIMPÍADAS DE VERÃO DE 1992 E SEUS SÍMBOLOS.....	50
<b>4.3.1 O adeus para Drazen.....</b>	<b>52</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## AGRADECIMENTOS

Ao meu avô paterno, Luiz Alfredo, responsável pela paixão da família ao basquete e pelo meu amor aos esportes. Ao meu avô materno, Martim Antônio, responsável por eu ter nascido na fronteira com o Uruguai, me tornando um internacionalista desde o primeiro segundo de vida. Mesmo não estando presentes materialmente, espiritualmente carrego vocês comigo. Obrigado por tudo, amo vocês! Às minhas avós, Maria Carolina e Graziela, agradeço por sempre terem dado suporte para que eu busque meus sonhos, vocês são grande inspiração e parte fundamental na construção de quem eu sou hoje e serei amanhã.

Ao meu pai, Alfredo, obrigado por me incentivar a jogar basquete e estar presente em todos os momentos da minha trajetória acadêmica, servindo apoio e zelo. À minha mãe, Karina, obrigado por ter cuidado de mim e dos meus irmãos tão bem, bem como ser responsável pela formação do meu caráter. Sem vocês eu não seria nada.

Aos meus irmãos, Antônio e Branca, pelo companheirismo que nós temos, por sempre me apoiarem nos momentos de dificuldade e garantirem momentos de risada. Espero que eu possa retribuir. À Júlia, minha companheira, obrigado por sempre ter me dado suporte durante a Universidade, foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Aos meus cachorros, gatos e cavalos, que afloram o que tenho de melhor.

À minha dinda e à minha tia, Ana Carolina e Ana Paula, responsáveis por clarear minhas ideias e me tornarem um homem mais consciente sobre meu lugar no mundo, amo vocês. Às minhas primas, Rafaela e Valentina, e meus primos, Martín e Miguel, sou muito grato por todas as férias que compartilhamos juntos e pela paixão pelo basquete, que nos une.

Ao meu orientador, José Renato, muito obrigado por acreditar nesse projeto. Aos amigos que a vida me trouxe, em especial o Juan. À AAARIUFSM - Anárquica. À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Esse trabalho é para vocês.

## RESUMO

### O BASQUETE E OS NACIONALISMOS CROATA E SÉRVIO: O CASO “ONCE BROTHERS”

AUTOR: Guilherme Cunha Jeffe

ORIENTADOR: José Renato Ferraz da Silveira

A presente pesquisa situa-se no campo de estudos sobre nacionalismo, a partir da busca por realçar o papel dos esportes, neste caso o basquete, como instrumento para o fortalecimento de identidades nacionais e dos conflitos entre croatas e sérvios na década de 1990. A escolha por esses grupos se fundamenta especialmente na investigação para explicar as suas diferenças. O estudo sustenta-se na hipótese de que o basquete, tendo uma função importante no cotidiano daqueles grupos, pode ser utilizado como ferramenta de promoção da identidade nacional, especialmente pensando que os atletas servem como embaixadores das nações que representam. Para tal, o trabalho é dividido em quatro partes. A primeira traz a contextualização histórica do surgimento dos nacionalismos croata e sérvio. No capítulo seguinte são abordados os paradigmas de estudos de nacionalismo, onde o autor faz a escolha por um deles para embasar o restante da pesquisa. Por fim, no último capítulo ocorre o estudo do caso proposto no título, onde é realizada a aplicação prática da contextualização histórica e da corrente escolhida, explanados anteriormente. Este estudo tem caráter explicativo e está pautado no método hipotético-dedutivo, tendo como objetivo principal realçar o papel do basquete, no estudo de casos específicos, para aprofundamento de questões complexas, como é a busca pela definição do que é o nacionalismo.

**Palavras-chave:** Nacionalismo. Iugoslávia. Croácia. Sérvia. Once Brothers.

## **ABSTRACT**

### **BASKETBALL AND CROATIAN AND SERB NATIONALISMS: THE “ONCE BROTHERS” CASE**

AUTHOR: Guilherme Cunha Jaffe  
ADVISOR: José Renato Ferraz da Silveira

This research is situated in the field of studies about nationalism, seeking to highlight the role of sports, in this case basketball, as an instrument for strengthening national identities and the conflicts between Croats and Serbs in 90's. The choice of these groups is based in particular on the search to explain their differences. The study is based on the hypothesis that basketball, which plays an important role in the daily lives of these groups, can be used as a tool to promote national identity, especially given that athletes serve as ambassadors for the nations they represent. To this end, the work is divided into four parts. The first provides a historical context for the emergence of Croatian and Serbian nationalism. The next chapter discusses the paradigms of nationalism studies, where the author chooses one of them to base the rest of the research on. Finally, the last chapter deals with the case study proposed in the title, where the practical application of the historical contextualization and the chosen current, explained above, is carried out. This study is explanatory in nature and is based on the hypothetical-deductive method. Its main objective is to highlight the role of basketball in the study of specific cases, in order to delve deeper into complex issues, such as the search for a definition of what nationalism is.

**Keywords:** Nationalism. Yugoslavia. Croatia. Serbia. Once Brothers.

## 1 INTRODUÇÃO

Os esportes vêm desempenhando um papel central nas sociedades há milhares de anos, como na Grécia antiga, por exemplo, onde serviam especialmente para celebrar Zeus e instigar a competição (por outros meios que não a guerra) entre as Cidades-Estados gregas. Esse papel continua inquestionável nas sociedades contemporâneas, influenciando a vida dos seres humanos e servindo de espelho das comunidades que eles constituem. Dessa forma, os esportes podem ser utilizados como parâmetro de análise social.

Um dos esportes praticados mais praticados no mundo, e que me inspirou a realizar a pesquisa, é o basquete, e o trabalho constitui (dentro dessa modalidade esportiva) uma busca intrigante por realçar o papel do esporte nas relações internacionais. Através de um caso entre jogadores de basquetebol, envolvendo a conceituação de nacionalismos, busco debater a relevância da temática esportiva para o campo das Relações Internacionais. Para tanto, será realizada uma contextualização histórica para entender o cenário em que ocorreu o caso estudado, bem como, na sequência dos capítulos da pesquisa, será trazido o debate sobre os conceitos de nação e nacionalismo, bem como o estudo do caso em si.

A partir da consolidação dos Estados nacionais em todo o globo, sobretudo durante o século XIX, os nacionalismos passaram a ser cada vez mais relevantes para a manutenção política desses entes. Na Europa, durante aquele século, é válido ressaltar os exemplos da Alemanha e da Itália, que na década de 1870 alcançaram suas respectivas unificações muito pautadas na propaganda nacionalista que embasava suas ações unificadoras.

Nessa meada de unificações temos, já no século XX, a formação da Federação Iugoslava (1918-1992). A Iugoslávia (“terra dos eslavos do sul” em servo-croata) foi criada a partir do desfecho da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em detrimento da desintegração do império Austro-Húngaro. Para levar estabilidade à região dos Balcãs, os Estados balcânicos oriundos da Áustria-Hungria se juntaram aos reinos da Sérvia e Montenegro, formando o Reino dos Eslovenos, Croatas e Sérvios, uma monarquia que em 1929 seria renomeada para Reino da Iugoslávia.



Entretanto, essa estabilidade que se buscava logo seria posta em debate, afinal os nacionalismos croata e sérvio sempre foram pautas preocupantes dentro da história iugoslava. Algo que esclarece isso foi o fato de que, durante o regime monárquico da Iugoslávia (1918 - 1945) quem mantinha o governo nas mãos era a linhagem de monarcas sérvios, tendo a capital em Belgrado (Sérvia). Essa sempre foi uma questão levantada pelos croatas, que não se sentiam representados pelo Estado iugoslavo, e acabou influenciando o fortalecimento do sentimento nacionalista croata posteriormente.

Com o fim do período monárquico no Estado iugoslavo e o início do regime socialista encabeçado pelo Marechal Tito, a partir da libertação da Iugoslávia frente aos nazifascistas (1945), o ideal de “unidade e irmandade” entre os eslavos do sul foi propagado e os nacionalistas croatas e sérvios viram-se desencorajados a lutar pela separação da federação iugoslava. Dessa forma, esses dois nacionalismos, sempre contextuais (MAIA, 2020), foram sobrepujados pelo Estado iugoslavo, amparado especialmente por Tito.

Durante os anos do governo de Josip Broz Tito, a Iugoslávia encontrou relativa estabilidade política, social e econômica. Segundo Aguilar e Matias (2012, p. 86), exemplos que retratam essa estabilidade são, entre outros, quando o governo titoísta “reconheceu a Macedônia como nação e sua língua como uma das oficiais do país, reconheceu a etnia muçulmana em 1961 e a nacionalidade muçulmana em 1974”.

Portanto, o Marechal mostrou-se um grande personagem na consolidação da unidade iugoslava, utilizando também o esporte como ferramenta para seu objetivo, bem como veremos durante a pesquisa e cujo papel é fundamental. Entretanto, após sua morte (1980), não havendo mais esse fator centralizador, os nacionalismos floresceram entre os croatas, bósnios, muçulmanos, etc. e o resultado foi a grande Guerra dos Balcãs da década de 1990, um dos eventos mais significativos do Sistema Internacional na segunda metade do século XX.

Dessa forma, é importante mencionar que a pesquisa desenvolvida aborda essa pluralidade de nacionalismos no território iugoslavo com merecida minuciosidade. Isso se dá pelo fato de que o conceito de nacionalismos é igualmente plural, não havendo uma delimitação exata do que ele representa, e é

necessário que entendamos que esse sentimento nacional é vislumbrado em diversas realidades, classes sociais e contextos históricos/geográficos.

Sabendo dessa pluralidade de nacionalismos dentro do território da ex-Iugoslávia, portanto, o trabalho visa estabelecer de que forma o esporte, aqui especificamente o basquete, serviu como ferramenta para o ideal de “irmandade e unidade” de Tito e, posteriormente, representou dentro de quadra os nacionalismos que afloraram após 1980. É interessante pontuar que o esporte ainda tem sido visto como forma de representação social e política para os nacionalismos em diversos outros Estados, o que significa que não foi algo pontual daquele momento e contexto históricos.

Na Espanha, por exemplo, o *Futbol Club Barcelona* é um grande instrumento de defesa do nacionalismo catalão, assim como o *Athletic Bilbao*, um clube que simboliza historicamente a identidade do País Basco. Esses casos, entretanto, esbarram no Estado nacional espanhol, que também tem sua própria identidade nacional, ou seja, não há a materialização do Estado catalão ou basco. Dessa forma constata-se, novamente, que dentro de um Estado-nação podem coexistir diversos nacionalismos (representados por esses símbolos esportivos) cujos objetivos divergem.

No que tange a metodologia, é necessário dizer que para realização desta pesquisa será utilizada a técnica da revisão bibliográfica, por meio do método hipotético-dedutivo. O trabalho baseia-se em livros, dissertações e teses, bem como documentários e entrevistas que abordam os três temas principais a serem desenvolvidos: o contexto histórico iugoslavo (principalmente a partir da ascensão de Tito), o conceito de nacionalismos e a importância do esporte enquanto ferramenta simbólica de expressão do sentimento nacional.

Quanto ao conceito de nacionalismo, é importante frisar novamente que não há uma definição do que ele representa, mas existem alguns paradigmas que o debatem. Segundo Anthony D. Smith, na obra “*Nations and Modernism*” (1998), cinco são as correntes que discutem o conceito: primordialista, perenialista, modernista, etno-simbolista e pós-modernista. Todas elas serão devidamente apresentadas e, na medida do possível, aprofundadas, no desenvolvimento do trabalho.

A indefinição do que o conceito de fato significa é destacada por Benedict Anderson (2008), em *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo* (publicado originalmente em 1983), que aborda a dificuldade perceptível em definir a ideia de nacionalismo mesmo que tenha tamanha influência no mundo moderno, sendo utilizada e propagada de forma exaustiva sem que os indivíduos que a empregam saibam exatamente o que ele representa — nota-se, aqui não há um julgamento a quem a emprega, visto que é exatamente desta indefinição que surgem os debates que buscam caracterizá-lo.

Isso se dá pelo fato de que, como apontado anteriormente, os nacionalismos estão integralmente relacionados com o contexto ao qual estão inseridos. Seja por estar ligado à luta pela emancipação, seja por estar ligado à mobilização popular, de esquerda ou de direita, seja na África, seja nas Américas, o nacionalismo é dúbio. Pode ser utilizado tanto como uma ferramenta de unidade nacional como também para a diferenciação e exclusão (chauvinismo).

Para que haja maiores delimitações daquilo que se almeja com a pesquisa, é necessário pontuar, nesse momento, que o paradigma modernista será mais explorado (em relação aos outros quatro) e conseqüentemente utilizado para entender o processo dos nacionalismos croata e sérvio (além, claro, do iugoslavo), bem como o caso “Once Brothers”. Essa escolha se dá porque, segundo esse paradigma, os nacionalismos são utilizados pelas elites nacionais como ferramenta para alcançar a unidade nacional (de forma a diminuir as tensões internas), facilitando a manutenção e o fortalecimento do status quo.

Entendo, portanto, analisando o contexto histórico da formação da identidade nacional iugoslava, sobretudo o papel do Marechal Tito, que o paradigma modernista pode ser melhor explorado e aplicado do que em relação aos outros. Um exemplo disso é quando, em *Comunidades Imaginadas* (citado anteriormente), Anderson (2008, p. 223), considerado um modernista, faz menção a Tito, dizendo que “Num impressionante movimento retroativo, dinastas que não tinham a menor ideia da [...] “Iugoslávia” [...] tornam-se nacionais (mesmo que nem sempre “merecedores”).”

Com essa citação podemos então entender, bem superficialmente, de que forma o paradigma modernista encara o papel do nacionalismo nas sociedades, aqui

especialmente a iugoslava. Dando prosseguimento à ordem estabelecida pela pesquisa, chegamos ao ponto que deu origem a todo o trabalho: o papel do esporte.

Através do caso estudado, “*Once Brothers*”, busco reforçar a relevância dos esportes como objeto de estudo para o campo das Relações Internacionais. É fato que o estudo dos esportes não está no mainstream do campo das RI, e isso se deve especialmente porque, segundo Suppo (2012, p. 408) há, no campo das RI, um “domínio da abordagem realista, preocupada apenas em questões ligadas ao poder econômico, militar e político”.

É evidente, ainda segundo Suppo (2012), que existem alguns estudos em nosso campo que trazem esse tema, porém são ainda muito poucos e não correspondem à complexidade que a temática exige. Sobre essa complexidade, Houlihan (1994, p. 52) diz que “o esporte é o fenômeno cultural mais importante do século XX, é um elemento no processo de globalização da cultura, é um curso de política externa.” (apud SUPPO, 2012, p. 419).

E pode-se, como será realizado na pesquisa, compreender sua relevância através do caso escolhido. O caso *Once Brothers*, fazendo coro à citação anterior, faz parte dessa rica variedade de contextos e nos ajuda a complexificar o entendimento não só do contexto iugoslavo na década de 1990, como também enriquece os debates sobre nacionalismos. O trecho a seguir de uma matéria da UOL ajuda a compreender o caso, apontando que

A nacionalidade tornou-se um problema justamente durante a comemoração do título mundial [em 1990]. Enquanto os iugoslavos se abraçavam, um homem entrou na quadra com uma bandeira da Croácia e se aproximou de Divac. “Fui até ele e disse ‘esta bandeira não tem porque estar aqui’. Ele respondeu insultando a bandeira da Iugoslávia. Fiquei furioso, tomei a bandeira [croata]”, relembra o próprio Divac, em documentário produzido pela ESPN. (SANDES, 2018)

Vlade Divac, sérvio, relembra o momento em que aconteceu o rompimento de sua grande amizade com Drazen Petrovic, croata, na comemoração da conquista do Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino de 1990, ocorrido na Argentina. Ambos os jogadores eram os melhores de sua seleção à época (Petrovic ainda hoje é considerado o maior basquetebolista da história da Europa) e, portanto, esse

acontecimento trouxe grande visibilidade ao conflito que estava ocorrendo naquele momento nos Balcãs.

Nessa linha, cita-se a “ocasião das Olimpíadas de Barcelona, em 1992, [quando] persistia o problema da participação dos ex-territórios da antiga Iugoslávia.” (VASCONCELLOS, 2008, p. 116). Nesse ano, foram aplicadas sanções pelas Nações Unidas como forma de repreender ataques da Sérvia às outras repúblicas iugoslavas, dentre as quais forçaram a organização espanhola a proibir a presença da Delegação Nacional da Iugoslávia. O Comitê Olímpico Internacional (COI), em contraponto, permitiu a participação de iugoslavos, desde que sem símbolos nacionais da ex-república.

Dispostos na mesma ordem em que os temas que compõem o trabalho foram apresentados aqui, o capítulo 1 servirá para explorar e apresentar a breve história da Iugoslávia, com ênfase no Titoísmo (1945-1980) e no pós-Titoísmo, bem como na história dos nacionalismos croata e sérvio. Já no capítulo 2, será realizada a exposição aprofundada dos paradigmas que estudam os fenômenos nacionalistas, que mesclado ao contexto histórico (capítulo 1) fornece ao trabalho um terreno fértil para melhor compreensão e aprofundamento do capítulo 3.

O terceiro capítulo, munido do contexto histórico e do arcabouço teórico, apresentará o caso “*Once Brothers*” relacionando-o com o papel do esporte nas Relações Internacionais. Para tanto, diversas entrevistas serão analisadas com o objetivo de reforçar essa ideia. Ao fim da pesquisa, por meio da conclusão, espera-se que seja obtido um resultado satisfatório quanto ao papel do esporte para as RI, demonstrando como casos tão específicos como o estudado podem ser igualmente relevantes para o estudo do sistema internacional.

## 2 A CONSTRUÇÃO DO ESTADO IUGOSLAVO E SUAS CONTRADIÇÕES

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e o conseqüente colapso dos impérios Austro-Húngaro e Otomano, a geopolítica europeia precisou ser reconfigurada e, como veremos aqui, a região dos Balcãs foi amplamente afetada por essas mudanças. Tais transformações acabaram acarretando, entre outros, no surgimento da Iugoslávia, e, para contextualizá-lo, primeiramente serão abordados os antecedentes históricos à essa unificação, bem como, posteriormente, serão tratados os conflitos internos do país até a sua dissolução. O capítulo tem maior enfoque nos momentos de “reunificação” dos iugoslavos sob a mesma causa, especialmente pensando no pós-1945, quando Tito assumiu o poder.

### 2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Além das questões geopolíticas – que serão devidamente abordadas no decorrer deste capítulo – surgidas no pós-Primeira Guerra e que corresponderam especialmente aos interesses dos grandes *players* do Sistema Internacional, é importante que se inicie o trabalho fazendo menção ao contexto em que estavam inseridas a Croácia e a Sérvia anteriormente à guerra. Portanto, neste primeiro momento trarei um breve panorama do contexto em que os sérvios e croatas viveram durante o século XIX.

Graças a acontecimentos históricos que remontam ao século XIV, os sérvios estiveram sob domínio do Império Otomano até 1817, quando, após serem liderados por Milos Obrenovic e terem sucesso em suas revoltas, proclamaram-o como seu líder. Dessa forma, “Milos conseguiu assegurar a formação de um principado autônomo em 1830, com o apoio da Rússia” (BENSON, 2001, p. 1, tradução nossa<sup>1</sup>), ou seja, durante o restante do século a Sérvia se viu semi-independente, alcançando, ainda conforme Benson (2001), o *status* de Reino em 1878, na ocasião do Congresso de Berlim. Ressalto que o termo semi-independente após 1830 é usado porque a Sérvia continuou sendo ocupada pelos otomanos até a década de 1860, tendo sua independência reconhecida internacionalmente somente em na ocasião de Berlim.

---

<sup>1</sup> Do original “Milos succeeded in securing the formation of an autonomous principality in 1830, sponsored by Russia” (BENSON, 2001, p.1).

Porém, após séculos de dominação turco-otomana, os sérvios precisaram reconstruir suas raízes históricas comuns. Um dos principais movimentos nesse sentido ocorreu ainda no século XVIII, quando iniciaram-se ações visando “consagrar a língua e a poesia do ‘povo comum’” (BENSON, 2001, p. 2, tradução nossa<sup>2</sup>), promovidas por Vuk Karadzic. Esses atos de Karadzic simbolizam e caracterizam até hoje a identidade nacional sérvia, sendo um personagem histórico consagrado na cultura popular do país.

Nessa linha trazida pelo mesmo autor, vale ressaltar também como o nacionalismo sérvio do século XIX estava muito pautado na necessidade de proteção do Estado refundado por eles, após tantos séculos de opressão otomana. Pode-se também acrescentar que esse nacionalismo tinha caráter expansionista, uma vez que os líderes sérvios da época almejavam a reconstrução da “Grande Sérvia”. Esses fundamentavam-se na anexação dos territórios correspondentes à Bósnia-Herzegovina, Macedônia, Voivodina, o norte da Albânia, Montenegro e Kosovo.

Outras duas grandes características que compõem tanto o nacionalismo sérvio quanto o croata, e os distinguem, são o alfabeto e a religião oficiais de cada nação. Na Sérvia, sobretudo a partir de 1830, houve, segundo Banac (1984) a solidificação do entrelaçamento entre o Cristianismo Ortodoxo e o Principado autônomo sérvio, razão pela qual houve um notável crescimento da ideologia nacionalista sérvia. Além da religião, o alfabeto utilizado pelos sérvios é o cirílico sérvio, que foi adaptado a partir do alfabeto cirílico eslavo e implementado por Karadzic logo após a consagração de Obrenovic como seu líder.

É importante pontuar aqui que o uso da palavra nacionalismo no parágrafo anterior, em detrimento da palavra nacionalidade, por exemplo, se dá pelo fato de que tanto a religião quanto o alfabeto têm papel de servir como “ferramentas” para o fortalecimento dos nacionalismos (como veremos no capítulo seguinte) e não somente como forma de distinção entre nacionalidades. É algo mais complexo, visto que faz parte da construção da identidade nacional de ambos os povos. Dito isso, voltemos aos antecedentes históricos.

Contrastando a situação da Sérvia, que conseguiu se desvencilhar no século XIX do Império Turco-Otomano após séculos de subordinação, a Croácia, que

---

<sup>2</sup> Do original “consecrate the language and poetry of the ‘common people’” (BENSON, 2001, p.2).

desde o início do século XII esteve vinculada ao Reino da Hungria (quando o então rei croata, na falta de herdeiros, se uniu a coroa húngara), continuou refém da política magiar. Apesar da reconhecida autonomia política croata pelos húngaros, institucionalizada por meio do Parlamento Croata (*Sabor*) e do poder do *Ban* (chefe executivo escolhido pelo Sabor), os croatas não tinham sequer sua língua reconhecida oficialmente em território húngaro, algo que só seria contestado com o Movimento Ilírio da década de 1830 (BANAC, 1984, p. 76).

Semelhante àquele movimento apontado nos parágrafos anteriores que ocorreu na Sérvia, com a busca pela reconstituição das raízes históricas comuns, os croatas passaram a também utilizar o artifício da linguagem como ferramenta de sua identidade nacional (fundamentada inicialmente no Movimento Ilírio). Vale mencionar, portanto, que o dialeto adotado oficialmente foi o Shtokavian (BANAC, 1984, p. 79), comum à maioria dos povos eslavos do sul e que visava justamente fortalecer a ideia da identidade Ilíria. Esse fato demonstrou o interesse croata na constituição de uma nacionalidade comum para todos esses grupos étnicos, o primeiro nesse sentido.

O tal movimento Ilírio (1835-1848) foi, segundo Greenberg (2010), a tentativa da elite política croata de estabelecer para os povos eslavos do sul sob domínio dos impérios Austríaco, Húngaro e Otomano uma identidade nacional comum baseada no dialeto mencionado anteriormente, bem como na literatura formada a partir desse. Ainda segundo Greenberg (2010), entretanto, o movimento “falhou” por não conseguir “criar” uma identidade nacional singular para esses povos, em razão do fortalecimento do próprio nacionalismo húngaro (graças à Primavera dos Povos de 1848), por exemplo, mas obteve êxito na projeção do nacionalismo croata.

Esse movimento denota o caráter do nacionalismo croata naquele século, cujo objetivo era a unificação desses povos eslavos. A grande questão pela qual os croatas tinham esse propósito era, segundo Banac (1984), que eles não se sentiam confiantes para lutar pela sua própria independência, ou seja, almejavam aliar-se com outros povos para assegurar sua própria segurança. Nessa linha de movimentos que visavam a unificação dos eslavos do sul temos, em 1860, o surgimento do “lugoslavismo”, cujos principais idealizadores foram Josip Juraj Strossmayer (1815-1905) e Franjo Racki (1828-1894).

O movimento, denominado “lugoslavismo” pelos próprios autores, surge com o propósito de resgatar o legado do movimento Ilírio ocorrido décadas antes. Essa



nomenclatura sugere que o movimento seria de fato para todos os eslavos do sul, afinal esses (em especial os sérvios) não se sentiam representados pelo Ilirismo. Segundo Cesarec (2010), para Racki o movimento iugoslavista deveria fundamentar-se na cooperação entre croatas e húngaros (vale ressaltar que a Croácia pertencia à Hungria), para que assim combatessem os Habsburgos e, por fim, se unissem aos sérvios (que naquele momento ainda sofriam com a ocupação otomana), além da unificação com os outros grupos étnicos eslavos daquela região.

Franjo Racki, inclusive, “prevê” a aliança entre a Áustria e a Hungria, algo que segundo o próprio acarretaria em graves consequências para os povos eslavos. Em 1867, portanto, surge a partir da aliança desses dois Estados o Império Austro-Hungaro, reprimindo ainda mais os croatas e os outros povos eslavos que viviam nos territórios que o compunham. No que se seguiu a essa aliança entre austríacos e húngaros, nota-se também uma clara subjugação dos sérvios por parte da Áustria-Hungria, que segundo Benson (2001) se traduziu por meio de Tratados acordados entre os dois Estados.

Desta feita, portanto, podemos afirmar que no quarto final do século XIX tanto sérvios quanto croatas viam-se dominados pelos austríacos e pelos húngaros. Esse fato acabou gerando, logo no início do século XX, uma série de movimentações entre os povos eslavos, caracterizadas por Calic (2019) como um processo de “radicalização”, que visavam alcançar sua independência dos domínios aos quais estavam submetidos. Em 1903 temos, segundo a cronologia de Calic (2019), um “movimento dos povos e protestos em massa contra o governador húngaro na Croácia”. Em 1905 os “deputados croatas do parlamento de Rijeka (Fiume) redigiram uma resolução [...] na qual [...] exigiam direitos e liberdades constitucionais, bem como a unificação da Dalmácia com a Croácia-Eslavônia.” (CALIC, 2019, p. 40, tradução nossa<sup>3</sup>).

Em 1906 inicia-se a “Guerra do Porco”, em que houve tentativa dos Habsburgos em impor bloqueios alfandegários à carne suína sérvia, sem muito sucesso, que acabou se encerrando em 1911. Durante esse período, em 1909, ocorreu a primeira conferência pan-lugoslava dos eslavos do sul socialistas. Em

---

<sup>3</sup> Do original “Croat members of parliament in Rijeka (Fiume) drew up a precedent-setting resolution in which they condemned the “inacceptable parliamentary and administrative conditions” in the monarchy and demanded constitutional rights and liberties, as well as the unification of Dalmatia with Croatia-Slavonia.” (CALIC, 2019, p.40).

1911 surge o “Mão Negra”, movimento nacionalista sérvio ligado a algumas ideias pan-eslavistas. É dessa organização que surge a figura de Gavrilo Princip, responsável pelo assassinato do príncipe Franz Ferdinando, da Áustria, em 1914, na capital da Bósnia-Herzegovina, Sarajevo, fato que é encarado como o estopim da Primeira Guerra Mundial, pois é a partir desse ato que a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia e a invade.

## 2.2 A ORIGEM DA IUGOSLÁVIA COMO ESTADO-NAÇÃO

Após quatro anos de Guerra Total, a Europa viu-se fragilizada e a necessidade de alterações geopolíticas tornou-se evidente, sobretudo quando analisamos o fim dos impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano e suas consequências para as décadas que viriam a seguir. Fruto especialmente do fim do império dos austríacos e húngaros surge então, em dezembro de 1918, o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Benson (2001) complementa dizendo que, em outubro daquele mesmo ano, o Parlamento Croata (Sabor) já havia “proclamado um Conselho Nacional dos Sérvios, Croatas e Eslovenos como governante soberano dos eslavos habsburgos”, expressando também o desejo de realizar uma unificação com os sérvios.

Esse Conselho fez parte das negociações de Versailles em novembro, porém diversos debates surgiram entre partidos e movimentos políticos croatas e sérvios e, entretanto, sem se intimidar por eles, segundo Benson (2001), o príncipe Aleksander da Sérvia declarou a formação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. O príncipe assumiu o trono em 1921, após a morte de seu pai e a promulgação da Constituição *Vidovdan*, a primeira do recém surgido Estado. O monarca sérvio, assim como a maior parte da classe política que encabeçava o Reino, muitas vezes desconsiderou a participação croata e eslovena, o que gerou grande descontentamento entre diferentes classes dessas nacionalidades, acompanhada pela agitação de movimentos políticos.

Banac (1984) considera esse primeiro momento como uma promoção da Grande Sérvia, com os sérvios sobrepondo seus interesses aos das outras nações envolvidas, também buscando recuperar-se, especialmente financeiramente, da Grande Guerra. Esse ponto se prova quando temos, em junho de 1928, o assassinato de Stjepan Radic, político proeminente e fundador do Partido

Camponês Croata (o maior partido croata àquela época), dentro do Parlamento iugoslavo. Radic era também o principal expoente dos nacionalistas croatas naquele momento, sendo muito atuante na reivindicação de maior participação croata nos assuntos do Reino, ou seja, debatendo o regime centralizador de Aleksander.

Após a morte do líder croata a crise agravou-se ainda mais, chegando ao seu ápice em 1929, quando em janeiro o monarca aboliu a Constituição de 1921 e suspendeu o Parlamento. Em outubro temos, enfim, a renomeação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos para o Reino da Iugoslávia. Em contraponto àquela ideia de “Grande Sérvia” vista anteriormente, Calic (2019) apresenta que o intuito do Rei Aleksander da Iugoslávia, a partir dessas ações, era justamente de unir a população e a nação iugoslava em uma coisa só, além de formar uma identidade nacional única. Nesse período é notável que

O regime também fez um grande esforço para uniformizar os currículos escolares, a fim de estabelecer um iugoslavismo integral no sistema educativo. Esforços semelhantes tentaram infundir unidade no exército e nos clubes desportivos. (CALIC, 2019, p. 105, tradução nossa<sup>4</sup>)

Paralelamente a essas mudanças domésticas, no final da década de 1920 e início da década de 1930 temos dois fenômenos fundamentais para entender o prosseguimento da história: a Grande Depressão e o fortalecimento do nazifascismo na Europa. A Grande Depressão, maior crise do sistema capitalista no século XX, impactou diretamente na economia iugoslava, agravando problemas estabelecidos pela Primeira Guerra Mundial e gerando novas consequências. Isso porque, segundo Calic (2019), os iugoslavos dependiam muito da exportação de produtos agrícolas (especialmente do milho) e naquele momento essa dinâmica de mercado estava decaindo muito devido à crise, afetando especialmente as camadas mais populares da nação, como os camponeses.

Aliado a Crise de 1929, o fortalecimento do nazifascismo tem um papel definidor no rumo da história da Iugoslávia, pois, como veremos a seguir, os Ustase (membros de um movimento paramilitar de extrema-direita croata) tiveram forte protagonismo na região. Nesse sentido, Calic (2019) aborda o assassinato do Rei Aleksandar em outubro de 1934, na França, por um membro Ustasha, motivado pela

---

<sup>4</sup> Do original “The regime also undertook a great effort to standardize school curriculums in order to establish integral Yugoslavism in the educational system. Similar efforts tried to infuse unity into the army and athletic clubs.” (CALIC, 2019, p. 105).

repressão das nacionalidades croata e eslovena em virtude da unidade nacional iugoslava. A partir do atentado, então, o rumo da história da Iugoslávia toma outra direção, pois o sucessor de Aleksandar, Milan Stojadinovic (também sérvio), escolhido para ser o novo primeiro-ministro do país, traria consigo mudanças significativas para a política dos eslavos do sul.

Diferindo de seu antecessor, Stojadinovic adotou uma nova agenda de política interna e externa. Apesar de manter alguns traços ditatoriais herdados da política do Rei (como o centralismo político), internamente o primeiro-ministro buscou flexibilizar, segundo Calic (2019), as relações do governo com croatas e eslovenos, porém já era tarde, afinal os nacionalismos croata e sérvio estavam aflorados e trariam graves consequências em breve. Na agenda externa, Milan estabeleceu novas relações diplomáticas, afastando-se de aliados estratégicos históricos (como a França e a Grã-Bretanha) para se aproximar da Alemanha nazista e da Itália fascista, que se tornariam as maiores parceiras comerciais do Estado iugoslavo a partir daquele momento.

Entretanto, em fevereiro de 1939 o primeiro-ministro Stojadinovic foi deposto de seu cargo, “por questões domésticas e externas” (CALIC, 2019, p. 119), e quem assumiu o controle da nação foi o Príncipe Regente Paulo, que buscava a paz sérvio-croata. Para tanto, em agosto daquele ano, o novo primeiro-ministro iugoslavo, Dragisa Cvetkovic, e Vladko Macek, líder do Partido Camponês Croata, assinaram o acordo *Sporazum*, que estabeleceu um distrito administrativo autônomo na Croácia, tendo Zagreb como sua capital. Dessa forma, “os assuntos econômicos, os assuntos internos, o sistema educacional e o sistema judicial estavam nas mãos da autoadministração croata, liderada por Ivan Subasic.” (CALIC, 2019, p. 120).

Em certa medida, esse acordo serviu para amenizar os anseios dos nacionalistas croatas, porém acabou suscitando nas outras nacionalidades (eslovena e até sérvia) o desejo de terem para si um distrito autônomo. Segundo Calic (2019), ao fim da década de 1930 a ideologia de unidade e centralismo estava morta, visto que a maioria dos iugoslavos (novamente, inclusive os sérvios) naquele período preferiam um regime federalista. Com o início da Segunda Guerra Mundial, portanto, a Iugoslávia definiu neutralidade, afinal havia afastado-se da Grã-Bretanha e da França mas não havia rompido relações diplomáticas.

Esse cenário se altera, entretanto, em 1941. Assistindo a Alemanha nazista e a Itália fascista avançando pelo leste europeu, além da queda da França e a

decadência da Grã-Bretanha, o Príncipe Regente da Iugoslávia não via outra alternativa para resguardar seu país de maiores danos que não fosse aceitar os termos de Hitler e ingressar no Pacto do Eixo, o que ocorreu no dia 25 de março de 1941. Apesar do acordo, Hitler, desconfiado de que a Iugoslávia pudesse trair o Eixo, ordenou que a Iugoslávia fosse atacada e assim se seguiu até o dia 17 de abril de 1941, quando os iugoslavos se renderam. Assim, houve a instauração de um governo fantoche nazista na Croácia, que contava com forte atuação dos Ustasha, muito identificados com os nazifascistas.

O Estado Independente da Croácia (que também continha a Bósnia-Herzegovina em seu território) foi fundado em 10 de abril de 1941 por Slavko Kvaternik e liderado por Ante Pavelic (fundador do Ustase, em 1929), segundo Benson (2001, p. 73). Ainda segundo ele, algumas características que guiavam o regime eram: a crença na superioridade racial croata, o alinhamento ideológico estabelecido com os nazistas e fascistas (anti-comunismo, anti-liberalismo, etc.) e a questão religiosa, pois além da questão racial entre croatas e sérvios, havia ainda o conflito com o cristianismo ortodoxo adotado pela Sérvia, visto que na Croácia grande parte da população era/é católica.

Seguindo essa última característica,

Os fascistas croatas lançaram agora uma campanha sistemática contra o seu alegado arqui-inimigo, a população cristã ortodoxa. Centenas de milhares de pessoas foram privadas dos seus direitos, despojadas, expulsas, colocadas em campos de internamento, ou assassinadas em ataques cruéis. (CALIC, 2019, p. 126-127, tradução nossa<sup>5</sup>)

Como forma de combater as atrocidades que haviam se tornado corriqueiras na Iugoslávia daquele período, dois grupos paramilitares tomam papel fundamental. Com forte ligação ao regime monárquico estabelecido no país e ao nacionalismo sérvio, os *Chetniks* formaram um movimento de guerrilha que conseguiu ter determinada relevância no combate aos nazistas, principalmente porque se aproximava dos camponeses. Porém, esse grupo buscava, além de restabelecer a monarquia destituída, expulsar os croatas e outras minorias das terras sérvias, o que acabou gerando, em certo momento, um colaboracionismo com os nazistas.

---

<sup>5</sup> Do original “The Croat fascists now launched a systematic campaign against their alleged archenemy, the Orthodox Christian population. Hundreds of thousands were disenfranchised, dispossessed, driven out, herded into internment camps, or murdered in vicious attacks.” (CALIC, 2019, p. 126-127).

O outro grupo, do qual se afirmaria a figura mais proeminente iugoslava, foi formado pelos chamados *Partisans*, cuja ideologia era muito mais estabelecida do que com relação aos *Chetniks*, não dando brechas para o colaboracionismo com o regime imposto. Por ser um grupo ligado exclusivamente aos ideais de esquerda (comunismo e anarquismo), os *Partisans* estavam focados somente na luta contra os nazifascistas, a exemplo de sua participação na Guerra Civil Espanhola, ocorrida poucos anos antes, entre 1936 e 1939. É importante que se diga que houveram, inclusive, batalhas entre *Partisans* e os *Chetniks* durante a luta de resistência, segundo Benson (2001).

A figura proeminente citada anteriormente é a de Josip Broz Tito (1892-1980), líder dos *Partisans* na Segunda Guerra e cuja biografia é extensa. Nascido na Croácia (à época subordinada ao império Austro-Húngaro), Tito lutou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) defendendo os interesses habsburgos, quando foi capturado pelos russos e, em consequência disso, acabou participando da Revolução de Outubro (1917). Voltando para sua terra natal após a fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Josip se deparou com a nova configuração de seu país que, para ele, segundo MacLean (1957) “Não havia nada de chocante. Pelo contrário. O novo reino dos sérvios, croatas e eslovenos não significava mais para ele do que o antigo Império Austro-Húngaro”.

Ainda segundo MacLean (1957), o primeiro ato de Tito ao regressar ao país foi buscar o Partido Comunista da Iugoslávia (PCI), filiando-se em setembro de 1920 e participando ativamente dos assuntos da Liga dos Comunistas até sua morte. A partir de então, Tito começou a tornar-se notável nos movimentos socialistas e sindicalistas não somente da Iugoslávia, como também da União Soviética, passando a integrar o *Komintern*, como principal responsável pelos assuntos dos Balcãs. Dessa forma, em 1937 tornou-se o Secretário Geral do PCI, responsável por reorganizar o Partido para a iminente guerra que se aproximava, e assim o fez. “A preocupação seguinte de Broz era pôr fim a todas as disputas “fracionárias”, dando ao partido uma liderança forte e unida sob o seu controle.” (MacLEAN, 1957, p. 71).

Essa breve biografia, que mostra inseparável a atuação do PCI, dos *Partisans* e do Marechal Tito durante a Segunda Guerra Mundial, serve a um propósito maior, pois mostra que a libertação da Iugoslávia das mãos dos invasores está intrinsecamente relacionada com o papel dos citados. Através da cooperação da sociedade iugoslava com os guerrilheiros, a derrota dos alemães, italianos e

colaboracionistas pouco a pouco tornou-se realidade. Ainda nesse sentido, para trazer um pouco mais de definição sobre como foram essas lutas de libertação, é importante não deixar passar em branco o papel das mulheres *Partisans*, pois

Quando o homem de hoje diz a uma mulher: "Camarada!", não é uma palavra convencional, usada habitualmente ou por cortesia - é a palavra pela qual o homem Partisan admite que a mulher Partisan é igual a ele em tudo. (BATINIC, 2015, p. 40, tradução nossa<sup>6</sup>)

Dessa maneira, podemos entender que essa luta pela libertação, liderada por Tito, foi fruto de um grande esforço conjunto da sociedade iugoslava, buscando um único objetivo: restaurar a paz em seu território. Os "Partisans iugoslavos, liderados por Josip Broz Tito, foram provavelmente o movimento de resistência antifascista mais bem sucedido da Europa." (BATINIC, 2015, p. 3, tradução nossa<sup>7</sup>), especialmente porque, defendendo um nacionalismo "supraétnico", conseguiram superar as barreiras dos conflitos interétnicos e angariar o apoio popular necessário para a vitória. E foi dessa forma, ainda segundo a autora, que Tito conseguiu alcançar relativa estabilidade no comando do país, bem como implementar seus ideais na política interna/externa do Estado, nas décadas que se seguiram.

### 2.3 O TITOÍSMO E O PÓS-TITOÍSMO

Seguindo nessa linha, ainda sem a rendição da Alemanha nazista, entre 29 e 30 de novembro de 1943 ocorreu o segundo encontro do Conselho Antifascista para a Libertação Nacional da Iugoslávia (AVNOJ), convocado por Tito. Nessa reunião, o Conselho decidiu "reestruturar a Iugoslávia como um Estado federal socialista de povos e repúblicas com direitos iguais." (CALIC, 2019, p. 141, tradução nossa<sup>8</sup>), além de congratular Josip Broz com o título de Marechal. Fruto desse Conselho e de negociações com os aliados, temos, ainda segundo Calic (2019), em Teerã, o

---

<sup>6</sup> Este é o trecho do discurso de um poeta croata chamado Vladimir Nator, proferido em 1944 em Otocac, na Croácia. O trecho original retirado da obra de Batinic é "When our today's man says to a woman: "Comrade!," it is not a conventional word, used customarily or out of courtesy – it is the word whereby the Partisan man admits that the Partisan woman is his equal in everything." (BATINIC, 2015, p. 40).

<sup>7</sup> Do original "The Yugoslav Partisans, led by Josip Broz Tito, were probably the most successful antifascist resistance movement in Europe." (BATINIC, 2015, p. 3).

<sup>8</sup> Do original "restructure Yugoslavia as a socialist federal state of constituent peoples and republics with equal rights." (CALIC, 2019, p. 141).

reconhecimento da necessidade da existência da Iugoslávia (nestes novos moldes) para assegurar a paz nos Balcãs.

Entretanto, neste período a Iugoslávia ainda estava (oficialmente) sob ordem do Rei Pedro II, e em junho de 1944 “Tito não teve escolha senão de chegar a um acordo com Ivan Subasic, o representante do Rei, [...] para criar um governo de coalizão” (CALIC, 2019, p. 163, tradução nossa<sup>9</sup>). Os aliados reconhecem, então, a Iugoslávia Federal Democrática, que perdurou até o dia 29 de novembro de 1945, quando o Parlamento declarou a Iugoslávia como uma república e baniu seu Rei. Iniciou-se oficialmente a partir desse ato, portanto, o processo de reestruturação das camadas políticas iugoslavas, encabeçadas pelo Marechal Tito, que ainda em 1945 renomeou o Estado para “República Popular Federal da Iugoslávia”.

Inicia-se oficialmente então o período que conhecemos como Titoísmo, que traria relativa estabilidade política, social e econômica para as terras iugoslavas nas décadas seguintes. É importante que se diga que a “abordagem dos iugoslavos à questão nacional continuou a ser influenciada pela ideologia do partido” (HAUG, 2012, p. 115, tradução nossa<sup>10</sup>), ou seja, a unidade nacional iugoslava dependia muito do PCI. Nesse sentido, portanto, Tito e o Partido fizeram questão de afastar seus opositores pois, ainda segundo Haug (2012), era necessário naquele momento reconstruir não somente as bases materiais, amplamente afetadas pela Segunda Guerra, mas também a ideia da Iugoslávia enquanto nação.

Se internamente a agenda política já estava colocada, externamente a Iugoslávia passaria por algumas turbulências (que afetariam sua política doméstica), especialmente quando pensamos em sua relação com o bloco socialista, pois devemos lembrar que nessa época já estava ocorrendo a Guerra Fria. Ao contrário do que se pensava ser o “normal” por conta do alinhamento ideológico, os iugoslavos romperam com a União Soviética em 1948, pois segundo o líder soviético, Stalin, Tito estava adotando um caráter expansionista em suas áreas de influência.

Relacionado a isso,

---

<sup>9</sup> Do original “Tito had no choice but to reach an agreement with Ivan Šubašić, the representative of the Yugoslav king, on 1 November 1944, in Belgrade to create an interim coalition government.” (CALIC, 2019, p. 163).

<sup>10</sup> Do original “The Yugoslavs’ approach to the national question continued to be influenced by party ideology” (HAUG, 2012, p. 115).



Na perspectiva soviética, havia uma percepção crescente de que Tito e os comunistas iugoslavos estavam agindo de forma demasiado independente, enquanto os iugoslavos se ressentiam da interferência dos soviéticos naquilo que consideravam ser os seus assuntos internos. (HAUG, 2012, p. 125, tradução nossa<sup>11</sup>)

Graças a essa ruptura, portanto, temos a aplicação prática do conceito marxista de autogestão na Iugoslávia, que conferiu ao Estado altas taxas de crescimento econômico nas décadas de 1950 e 1960 (VENOSA, 1982, p. 24). Ainda segundo Venosa (1982), foi necessário traduzir para a sociedade iugoslava a ideia de que a industrialização era algo fundamental para reerguer as bases do país, visto que naquele período cerca de 80% de sua população era camponesa. Além disso, o campesinato iugoslavo estava organizado (e socialmente institucionalizado) nas chamadas *zadrugas*, caracterizadas por Venosa (1982) como “uma família comunitária extensiva, unidade de base da comunidade rural”, o que poderia dificultar o processo de construção da indústria na nação.

Para que a economia autogestionária fosse adotada na Iugoslávia, “a Assembleia Nacional aprovou em 27 de junho de 1950 o que ficou conhecido como a Lei sobre a autogestão dos trabalhadores” (MIGUEL, 2020, p. 3). Essa lei determinou que os meios de produção deixassem de ser propriedade estatal, tornando-os próprios da sociedade, fazendo com que, dessa forma, os trabalhadores das empresas (organizadores em conselhos e comitês internos) se tornassem gestores de parte da propriedade. Dessa forma, as empresas e os trabalhadores obtiveram mais autonomia sobre sua produção, o que garantiu aos operários, ainda segundo Miguel (2020), um sistema de remuneração com base em sua produtividade laboral.

Esse sistema, responsável pelo alto crescimento econômico do país, serviu como apoio para que Tito e seu governo reestruturassem as bases materiais iugoslavas e, assim sendo, trouxe consigo uma notável estabilidade socioeconômica para sua população. Isso também possibilitou algo impensável décadas antes: a manutenção dos nacionalismos e conflitos étnicos, tão impactantes na política interna iugoslava. Também nesse sentido, pensando nessa manutenção,

---

<sup>11</sup> Do original “From the Soviet perspective, there was a growing perception that Tito and the Yugoslav communists were acting too independently, while the Yugoslavs resented the interference of the Soviets in what they felt were their internal affairs.” (HAUG, 2012, p. 125).

A espinha dorsal do governo de Tito era o Exército Popular, a entidade que tinha tornado possível militarmente a subida de Tito ao poder e que tinha sido a primeira e mais típica encarnação da "irmandade e unidade". (CALIC, 2019, p. 180, tradução nossa<sup>12</sup>)

O lema, que versa sobre irmandade e unidade, serviu como farol para guiar as políticas adotadas pelo governo de Tito naquele que Calic (2019) classifica como “socialismo patriótico”, onde o nacionalismo iugoslavo criou raízes. Para a população iugoslava, a partir daquele momento, defender sua nação significava necessariamente honrar a memória de seus compatriotas, duramente oprimidos e perseguidos pelos nazistas, que os consideravam pertencentes a um grupo racial “inferior” (eslavos). Esse guia, quase que espiritual, auxiliou no entendimento das diversas nacionalidades que compunham o país de que juntas elas seriam mais fortes, levando à cooperação que tornaria a Iugoslávia uma nação que, apesar de suas diferenças étnicas, religiosas, etc., seria reconhecida pela resistência.

Tito, um líder carismático que apesar de em algumas situações ter buscado flexibilizar a relação dos nacionalismos da Iugoslávia, sempre preferiu que esses estivessem ofuscados. No documentário *Croatia: defining a Nation*, Martin Bell reforça essa ideia, dizendo que

Devemos entender que, sob a administração de Tito, e mesmo nos anos 1980, o nacionalismo foi banido. Era ilegal estender bandeiras nacionalistas, usar slogans nacionalistas, mas eles estavam nos sótãos, nos armários, e armazenado na mente das pessoas. (BELL, 2022)

Essa relação complexa, que será abordada e aprofundada no próximo capítulo desta pesquisa, entre os nacionalismos e a manutenção do *status quo* (relembrando, explorada pelo paradigma modernista), é fundamental para entendermos a dinâmica em que a população iugoslava estava inserida.

O trecho de Bell auxilia na compreensão dessas medidas repressivas adotadas por Tito e seu Partido, afinal expõe essa característica marcante que foi a ilegalidade de símbolos nacionalistas das repúblicas que formaram a Iugoslávia. É interessante ressaltar, entretanto, que Bell (2022) refere-se à “nacionalistas” como sendo os croatas, sérvios, bósnios (muçulmanos), etc., ou seja, aqueles que sofriam repressão, mas isso supõe que, ao meu ver, segundo o autor, o nacionalismo

---

<sup>12</sup> Do original “The backbone of Tito’s rule was the People’s Army, the entity that had made Tito’s rise to power possible militarily and that had been the earliest and most typical embodiment of “brotherhood and unity.”” (CALIC, 2019, p. 180).

iugoslavo só existia para a elite política. Como visto anteriormente, especialmente falando em termos de defesa da honra, sabemos que isso não é uma verdade, pois apesar de ter sido um movimento criado pela elite política, foi amplamente abraçado pela população iugoslava.

A partir da década de 1960 a política externa iugoslava ganhou novos ingredientes, fazendo-se necessário, portanto, apresentar o Movimento dos Não-Alinhados, no qual o papel da Iugoslávia foi preponderante. O encontro que oficializou esse Movimento ocorreu em 1961, em Belgrado (então capital da Iugoslávia e atual capital da Sérvia), e a organização tinha como objetivo sinalizar para os dois blocos da Guerra Fria que os países que o compunham, de terceiro mundo, não desejavam participar de confrontos com qualquer uma das duas. Apesar disso, o “Movimento nunca foi politicamente neutro, porque tomou uma posição clara contra o imperialismo ocidental.” (CALIC, 2019, p. 188, tradução nossa<sup>13</sup>).

Após a morte de Stalin (1953), iugoslavos e soviéticos retomaram um certo grau de cooperação, superando as questões que haviam levado ao rompimento das relações entre as duas nações alguns anos antes. Porém, com a escalada da Guerra Fria e com o medo de retaliações por parte dos estadunidenses (visto o que ocorreu na península da Coreia), a Iugoslávia preferiu buscar o diálogo diante do cenário que se apresentava. Assim, é necessário complementar que o papel de Tito foi fundamental para a comunicação entre os países do bloco terceiro mundista, ressaltando alguns dos pontos levantados pelo movimento, como o “desarmamento, a abolição das armas nucleares, a decolonização e uma Nova Ordem Econômica Internacional mais justa.” (CALIC, 2019, p. 188, tradução nossa<sup>14</sup>).

Essa participação do Estado iugoslavo rendeu, tanto internamente quanto externamente, uma boa reputação para seus líderes, especialmente porque a opinião pública iugoslava aprovou o posicionamento adotado por seu Governo (CALIC, 2019). Portanto, principalmente a partir da Constituição de 1963, quando a nação foi renomeada para República Federal Socialista da Iugoslávia, uma série de ações para dar continuidade a essa política de diálogo foi adotada. Como visto

---

<sup>13</sup> Do original “The movement was never politically neutral, because it took a clear stance against Western imperialism” (CALIC, 2019, p. 188)

<sup>14</sup> Do original “disarmament, the abolishment of nuclear weapons, decolonization, and a more just New International Economic Order.” (CALIC, 2019, p. 188).

diversas vezes, a maior dificuldade interna da Iugoslávia foi tratar sobre as diferenças étnicas em seu território, e nesse sentido vale ressaltar como exemplo o reconhecimento da nacionalidade dos muçulmanos bósnios (1968), uma das práticas adotadas pelo PCI para diminuir as chances de conflitos internos.

Ainda nesse sentido, é importante fazer menção a outros dois movimentos na década de 1970, que demonstram a dificuldade existente em apaziguar os ânimos nacionalistas do ex-território iugoslavo. Em 1971 ocorreu a “primavera croata”<sup>15</sup>, na qual a elite política croata reivindicava maior autonomia política, algo que irritou profundamente a Tito e gerou um impasse dentro da própria Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Enfurecido, o líder iugoslavo “não toleraria qualquer mobilização nacionalista” (CALIC, 2019, p. 238, tradução nossa<sup>16</sup>) e, ainda segundo Calic (2019), expulsou muitas pessoas da direção do Partido em Zagreb, além de tomar essa atitude inclusive voltada para Belgrado, a sede do governo.

Portanto, essa intolerância revela a face mais repressora de Tito, que via na Croácia um terreno fértil para o florescimento de um nacionalismo anti-iugoslavo e que poderia levar à dissolução do país. Dessa forma, assistindo o começo da movimentação popular croata pela busca por maior independência, o Marechal não teve outra escolha que não fosse ceder ampliar mais a federalização iugoslava, aprovando, em 1974, uma nova Constituição. Esse novo documento teve dois pontos fundamentais para o prosseguimento da história do país, pois ele “concedeu maior autoridade e poder às repúblicas e províncias autônomas e confirmou Tito como presidente vitalício” (CALIC, 2019, xxii, tradução nossa<sup>17</sup>).

No dia 04 de maio de 1980, aos 87 anos, Josip Broz Tito faleceu. A edição do “Jornal do Brasil” do dia 05 de maio de 1980 expõe esse fato na capa, dizendo que

O Presidente João Figueiredo decretou luto oficial de três dias. O Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, definiu Tito como "figura destacada do cenário mundial" e reiterou o apoio norte-americano "à integridade territorial da Iugoslávia". Um comentarista da televisão de Moscou disse que Tito era "comunista excepcional, amigo da União Soviética e lutador da paz".

---

<sup>15</sup> Um personagem, citado por Calic (2019), que participou ativamente desse movimento foi Franjo Tuđman, cuja relevância para os assuntos croatas e iugoslavos será vista adiante.

<sup>16</sup> Do original “he would not tolerate any mobilization of nationalism” (CALIC, 2019, p. 238).

<sup>17</sup> Do original “granting of greater authority and power to the republics and autonomous provinces; confirmation of Tito as president for life.”

Essas declarações, tanto de estadunidenses quanto de soviéticos, no cenário da Guerra Fria, ressaltam a imagem de Tito como uma figura importante na luta pela paz, retomando aquilo que foi abordado especialmente quando tratado o Movimento dos Não-Alinhados. É a partir dessa morte, entretanto, que os nacionalismos intra iugoslavos (que já haviam voltado a manifestar-se na década de 1970) retomam papel de importância na política e no rumo da nação iugoslava, afinal, ainda segundo o próprio jornal, Tito não havia preparado um sucessor para seu governo.

Após a morte de seu grande líder, a Iugoslávia voltou a apresentar graves problemas sociais e econômicos e, com isso, surgem no final da década de 1980 dois personagens centrais para o desfecho da história iugoslava: Franjo Tudjman, croata, e Slobodan Milosevic, sérvio. Tudjman, nascido em 1922, participou ativamente das lutas pela libertação iugoslava na Segunda Guerra, tendo sido a pessoa mais nova a comandar o exército iugoslavo, aos 23 anos de idade. Milosevic, nascido em 1941, teve notável participação na política balcânica, especialmente por ter sido líder do Partido Comunista da Sérvia e comandado a Iugoslávia durante a Guerra de dissolução.

Além disso, ambos têm uma grande característica em comum: a agenda voltada para recrudescimento dos nacionalismos croata e sérvio, que desencadearia na terrível década de 1990. Portanto, tanto Tudjman quanto Milosevic buscaram fortalecer suas bases étnicas, preparando o terreno para a iminente dissolução que se avizinhava. Posto o palco da década de 1980, é fundamental apontar ainda que tais líderes se diferenciavam entre si especialmente pensando no nacionalismo que representavam, afinal, como vimos durante esse capítulo, os sérvios historicamente defenderam mais a existência da Iugoslávia, enquanto que, segundo o próprio Tito na década de 1970, os croatas guardavam o sentimento de luta pela independência, e assim se seguiu após 1990, como veremos no capítulo 3.

### **3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO DE NAÇÃO E NACIONALISMO**

O capítulo que se inicia tem como objetivo principal a busca pela definição, conceitual e prática, dos termos “nação” e “nacionalismo”, sendo pertinente, portanto, a apresentação do debate teórico sobre esses conceitos, bem como sua aplicação no contexto histórico iugoslavo, apresentado no primeiro capítulo. Para essa definição, inicialmente será realizada uma discussão sobre os dois termos,

pautada nos paradigmas mais importantes para o debate, que serão devidamente apontados no decorrer do texto. Posteriormente, é de suma importância que seja explicado o porquê dessa pesquisa entender o nacionalismo como fenômeno moderno, afinal no fim deste capítulo será feita uma aplicação do conceito ao contexto histórico, como dito antes, e ambos os objetivos estão relacionados.

### 3.1 NAÇÃO E NACIONALISMO

Na Europa do fim do século XVIII, sob as mudanças conduzidas pela Revolução Francesa (1789 - 1799), o termo nação tomou outra proporção, afinal foi naquele momento que essa palavra passou a ter o mesmo significado que continua tendo até hoje, de acordo com Bobbio (2004). Com o fim da era do absolutismo e o fortalecimento dos Estados-nação, sobretudo europeus, ainda segundo Bobbio (2004), o sentimento de identificação nacional passou a ser visto como fundamental para as sociedades e os próprios governos, afinal aspectos religiosos, por exemplo, “retrocederam” em relevância para as comunidades. Isso fez com que os indivíduos passassem a defender seus Estados (e nações) sob a perspectiva de construção dos nacionalismos.

A grande questão que será abordada aqui, tratará sobre os debates que existem justamente para que se busque a caracterização destes conceitos, organizados pelo autor britânico Anthony Smith em sua obra “*The ethnic origins of nations*” (1986) dentro de três grandes paradigmas: modernista, primordialista e perenialista. Faz-se necessário, portanto, abordar essas correntes a seguir, bem como apontar o porquê da escolha por uma delas para a aplicação ao caso que será estudado, fundamental para o embasamento da pesquisa. Vale mencionar também que, além desses três paradigmas, outros dois “surgiram” posteriormente à obra citada, o pós-modernista e o etno-simbolista, sendo nesse segundo em que Smith se enquadra.

#### 3.1.1 Modernismo

Entre as cinco correntes, a principal, em termos de produção/relevância acadêmica, é o paradigma modernista, que será apresentado neste primeiro momento, sendo então seguido pelos outros. Alguns dos autores notáveis dessa

linha são, por exemplo, Eric Hobsbawm, Benedict Anderson e Ernest Gellner, cujas obras são as principais fontes para o embasamento deste texto. A característica primária desses autores, e do paradigma modernista de uma forma geral, é o entendimento de que a nação e o nacionalismo são fenômenos modernos, e, portanto, surgem a partir da consolidação dos Estados pós-absolutismo.

Essa denominação, modernista, se dá pelo fato de que os autores desse paradigma entendem a nação e o nacionalismo como frutos da idade moderna<sup>18</sup>, não necessariamente excluindo elementos anteriores a esse período, mas apontando esses conceitos como sendo ferramentas para as elites políticas. Eles sustentam que a partir da consolidação dos Estados modernos há o surgimento das nações e dos nacionalismos, e não o contrário, pois esses dois termos servem justamente como forma de unir as populações sob uma única identidade nacional. Ernest Gellner, por exemplo, em sua obra “Nações e nacionalismo” (1993), sugere que esses dois fenômenos são fruto da sociedade europeia industrial, pois há, a partir da primeira revolução industrial, um grande avanço nas telecomunicações e na educação, fundamentais para a criação destes, como veremos posteriormente.

Em “Comunidades imaginadas” (2008), Benedict Anderson aponta a importância dos avanços tecnológicos para a formação das identidades nacionais, expressando que, graças a essas melhorias, os Estados passaram a ter maior alcance sobre as populações em seus territórios. Esse fato propiciou às elites políticas aquilo que almejavam, a unidade nacional, pois a partir daqueles avanços puderam estabelecer em seus territórios o sentimento de pertencimento que precisavam para a manutenção de seus domínios. Como vimos no capítulo um, também foi a partir daquele momento que os movimentos (a partir das elites) nacionalistas sérvio e croata surgiram, reivindicando a consolidação dos Estados aos quais acreditavam ter direito.

Ainda nesse sentido, em “Nações e nacionalismo desde 1780 – Programa, mito e realidade” Hobsbawm (1990) corrobora com esses pontos apresentados por Anderson (2008), abordando ainda outros tópicos, como a urbanização e os desafios à ordem antiga, fundamentais para entendermos o processo de construção desses fenômenos. Sobre o papel da urbanização, o autor anglo-egípcio destaca

---

<sup>18</sup> A idade moderna referida diz respeito à modernidade nos termos sociológicos, e não históricos, que compreendem esse período como posterior às Revoluções Gêmeas (Americana, 1776 e Francesa, 1789), enquanto que a idade moderna para os historiadores ocorreu entre 1453 (Conquista de Constantinopla pelos Otomanos) e 1789 (Queda da Bastilha e início da Revolução Francesa).

que foi graças a ela que os novos Estados viram-se obrigados a criar uma coesão social, visto que os centros urbanos propiciaram a “mistura” de diferentes culturas, etnias, etc. Esse processo também foi fundamental para que as burguesias desafiassem a ordem antiga (monárquica), afinal, a partir da consolidação dos nacionalismos, as populações substituíram sua fidelidade aos reis (deixaram de ser súditas), para abraçar as nações.

### 3.1.2 Primordialismo

Já o paradigma primordialista sustenta essencialmente sua base argumentativa em termos primordiais, como o nome sugere, a exemplo da linguagem, religião, território e parentesco. Adrian Hastings, o principal autor desse paradigma, tem em sua obra *“The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism”* (1997) a maior contribuição para a corrente. Ele destaca como esses dois elementos do título (etnia e religião) desempenham papéis distintos, mas frequentemente interligados, na construção das identidades nacionais, apontando a identidade étnica como base para o nacionalismo e a religião como elemento unificador ou divisor.

Hastings (1997) é enfático ao dizer que a etnia fornece uma base sólida para a identidade nacional, pois, segundo ele, essa é a principal fiadora da cultura compartilhada, englobando elementos culturais, linguísticos e históricos compartilhados por um grupo de pessoas. Além disso, o autor aborda a construção de narrativas nacionais, pontuando que os grupos étnicos muitas vezes recorrem a essa construção com o objetivo de sublinhar sua história e realizações, fundamentais para a criação da identidade nacional e promoção do nacionalismo. Ainda nesse sentido, é abordada a questão territorial, pois afirma-se que a noção de pertencimento a um determinado território está intrinsecamente relacionada à etnia, funcionando como uma força motriz para reivindicações territoriais.

Outro aspecto fundamental para Hastings (1997) em sua análise sobre os nacionalismos é a religião, que pode servir como elemento unificador ou divisor dentro das nações. A religião pode servir como um fator unificador quando a maioria da população compartilha da mesma fé, podendo criar uma identidade moral e espiritual compartilhadas que fortalecem o nacionalismo. Em oposição a isso, em contextos nos quais existem diversas religiões, esse fator pode tornar-se divisor,



afinal, se houver o surgimento de conflitos religiosos, pode ocasionar-se grande divisão interna, desafiando assim a coesão nacional.

### 3.1.3 Perennialismo

Em contraste com os paradigmas brevemente delineados anteriormente, a abordagem perenialista propõe que as nações se originam de processos antigos, explorando minuciosamente o papel dessas entidades no contexto do desenvolvimento histórico de longo prazo. Adicionalmente, os teóricos que respaldam essa perspectiva perenialista sustentam que as nações contemporâneas emergem a partir de vínculos étnicos fundamentais, diferenciando-se assim da concepção baseada em processos de modernização, como a formação do Estado. É relevante destacar que esse paradigma está mais centrado em questões espirituais e metafísicas, uma vez que concebe as nações e o nacionalismo como componentes essenciais do ser humano, argumentando que as identidades nacionais são intrinsecamente singulares e inalteráveis.

As principais contraposições apresentadas pelos perenialistas aos modernistas e primordialistas são, respectivamente, a crença de que as nações têm origens muito anteriores ao período moderno e de que as nações sempre existiram e que são fruto de processos naturais. Com relação às críticas feitas aos modernistas, os teóricos perenes dizem que a nação é prévia ao Estado, e não o contrário, o que acaba acarretando, por exemplo, no desenvolvimento sócio-econômico dos entes estatais. Já sobre os primordialistas, os perenialistas os contrapõem dizendo que as nações nem sempre existiram, e que também não são inerentes aos humanos, ou seja, não são fruto da natureza, e sim algo socialmente construído.

Posteriormente aos três paradigmas apresentados, que, como dito antes, foram organizados e categorizados por Anthony Smith em 1983, outros dois tomaram força nesse longo debate sobre nação e nacionalismo, o pós-modernista e o etno-simbolista. Os pós-modernistas trabalham especialmente desafiando as concepções tradicionais sobre nação e nacionalismo, propostas pelos primordialistas, perenialistas e modernistas, trazendo mudanças significativas ao debate, como veremos a seguir, buscando englobar novos conceitos. Já os etno-simbolistas, cujo autor de maior expressão é o próprio Anthony Smith,

concentram-se exclusivamente em analisar o papel das dimensões culturais e simbólicas para a construção das identidades nacionais.

### **3.1.4 Pós-modernismo**

Os estudiosos pós-modernos buscam questionar as narrativas tradicionais, que tratam as nações e o nacionalismo como sendo estáveis e objetivas, argumentando que essas noções são social e culturalmente constituídas. Para tanto, enfatizam que esses são entes construídos a partir de mitos, discursos e práticas sociais, ou seja, não compreendendo-os como parte essencial da realidade, ou naturais, movimento que podemos caracterizar como desconstrução das identidades nacionais. Essa linha de pensamento está muito pautada em um conceito pouco abordado pelos paradigmas anteriores, a globalização, pois através desse fenômeno pode-se alcançar uma análise mais aprofundada da desconstrução proposta.

A soma da globalização à equação traz ao debate a ênfase na multiplicidade de identidades que as pessoas podem ter, muitas vezes atravessando as fronteiras nacionais e culturais estabelecidas, burocraticamente, pelos atores estatais. Esse fenômeno faz com que os pós-modernistas enxerguem as identidades nacionais como fluidas e em constante transformação, passíveis de mudanças conforme os desdobramentos no Sistema Internacional, bem como na esfera doméstica. Ou seja, mais uma vez é retomada a importância dos avanços tecnológicos para a abordagem das nações e do nacionalismo, afinal é a partir da “diminuição do mundo”, através de adventos como o surgimento da internet, por exemplo, que esses entes podem fortalecer-se ou enfraquecer-se.

Outro ponto importante a ser levantado é a crítica estabelecida às metanarrativas, pois elas buscam analisar e explicar o mundo de forma abrangente e unificada, enquanto o pós-modernismo entende que é necessário fragmentar as perspectivas existentes sobre nações e nacionalismos. Jean-François Lyotard, um dos principais autores do pós-modernismo, em sua obra “A condição pós-Moderna” (2009), destaca que essas metanarrativas, ou “grandes histórias”, que eram usadas para dar sentido ao mundo e à sociedade, não cabem para o mundo pós-moderno. O autor defende isso afirmando a importância das diversidades culturais e múltiplas vozes na sociedade pós-moderna, questionando a ideia de cultura nacional homogênea em prol de uma compreensão mais complexa da mesma.

### 3.1.5 Etno-simbolismo

Por fim, o paradigma etno-simbolista, que tem na figura de Anthony Smith sua maior representação, suscita alguns tópicos interessantes para esse extenso debate existente. O primeiro deles é o reconhecimento do nacionalismo como fenômeno moderno, ou seja, mesmo falando essencialmente sobre fatores culturais, simbólicos, etc., se diferencia dos perenialistas ao identificar essa característica. Outro tópico que vale ser mais aprofundado diz respeito à relevância dos símbolos, cujo papel é de protagonismo naquilo que Smith caracteriza como “nacionalismo étnico”.

Note que no parágrafo anterior fiz citação somente ao nacionalismo quando falei em modernidade, excluindo a nação, isso porque Smith entende essa ideologia nacional como de fato sendo um fenômeno moderno. Por outro lado, o autor diz acreditar na possibilidade de que algumas nações possam ter sua existência comprovada anteriormente ao surgimento do nacionalismo e da idade moderna, sustentando a existência de algumas estruturas sociais pré-modernas que indicam isso. Aliado a essa concepção da existência de estruturas pré-modernas, Smith frequentemente aborda a importância da busca que as nações fazem ao explorar a ressignificação de símbolos e mitos do passado.

Nesse sentido, o conceito de “nacionalismo étnico” torna-se fundamental, pois através dele é que Smith consegue debruçar-se melhor para solidificar sua base teórica, afinal nele reside a ideia de que a etnia desempenha um papel central na formação da nação. Para tal, é necessário que características culturais como a língua, religião, história, etc. sejam realinhadas com o grupo de pessoas que está as reivindicando, tornando-as símbolos próprios da etnia. Apesar disso, o autor reconhece que as nações modernas podem conter em sua estrutura diversas culturas, etnias e símbolos distintos, apontando ainda que esse fato pode ser construtivo, e não destrutivo, através das negociações culturais, com diferentes grupos contribuindo para a identidade nacional de maneiras variadas.

## 3.2 FENÔMENOS MODERNOS

Após a apresentação dos paradigmas que compõem o debate sobre os conceitos centrais deste capítulo, podemos então seguir para o aprofundamento daquele que será utilizado como maior fonte teórica no restante da pesquisa, o modernista. Essa corrente tem algumas características que tornam mais viável, em comparação aos outros quatro, a conexão dos conceitos de nação e nacionalismo ao contexto histórico apresentado no decorrer do capítulo anterior. Uma dessas características, e talvez a mais importante para este trabalho, é entender esses fenômenos sociológicos como ferramentas ideológicas para os Estados, cuja finalidade é a manutenção do *status quo*.

A razão pela qual a pesquisa se estrutura dessa forma, sendo inicializada pela contextualização histórica, seguida pelo embasamento teórico e finalizada pelo estudo de caso em si, está relacionada ao que Maia (2020) diz quando afirma que os nacionalismos são sempre contextuais. Isso porque, para compreendermos o nacionalismo que, como vimos, entendo como um fenômeno moderno, acredito ser necessária essa ordem “invertida” do que se vê como padrão na Academia – inicializada pelo embasamento teórico e seguida pela contextualização histórica. Dessa forma, tendo sido abordado o devido contexto histórico da Iugoslávia, existe aqui um terreno fértil para a aplicação teórica, explicando, assim, o porquê da escolha pelo paradigma modernista.

Quando analisamos a experiência iugoslava, especialmente pós-1945, temos os grandes líderes daquele Estado buscando ressignificar a identidade nacional do país, pautando-a no esporte, por exemplo, sob a ideia de irmandade e unidade. Nesse momento, é de suma importância que se aponte que a razão pela qual o paradigma modernista foi escolhido não se dá por uma concepção generalista de aplicação conceitual, pelo contrário, essa escolha passa exatamente pela análise do contexto histórico/geográfico devidamente aprofundado. Ao visitar as cinco correntes, evidenciou-se que aquela que melhor se encaixa ao caso iugoslavo é a do modernismo, pelos motivos que já foram apresentados na primeira seção deste capítulo e serão observados a seguir.

Bobbio (2004, p. 796) identifica que as nações não têm caráter de espontaneidade, como se fossem fruto de um processo natural, ligado ao ambiente físico em que estão inseridos e que dá origem aos traços culturais, linguísticos, etc., como vimos na exposição do paradigma modernista anteriormente. Logo, entendendo que os nacionalismos croata e sérvio surgem no fim do século XVIII

com o objetivo de transformar as nações aos quais pertencem, é necessário que se estabeleça essa conexão teórico-prática. Durante o século XIX também nota-se isso, pois percebe-se a necessidade que as elites políticas tanto croata quanto sérvia tinham de estimular o crescimento dos nacionalismos em suas respectivas populações, dando origem aos Movimentos Ilírio e Iugoslavista, por exemplo.

Nesse sentido, vale dizer que os autores modernistas têm outra característica fundamental para essa compreensão, dizendo que as nações são fruto do nacionalismo, e não o contrário. Na obra “A invenção das tradições”, lançada originalmente em 1983 por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, esse conceito é aprofundado e a partir dele podemos estabelecer uma melhor ligação com os casos croata, sérvio e Iugoslavo. Segundo os autores,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWM, RANGER, 1997, p. 9)

Tal conceito é preponderante para entendermos porque os modernistas enxergam que as nações vêm depois do nacionalismo, afinal o segundo é fruto do sentimento de identidade das pessoas com o grupo no qual estão inseridas, e essa identidade é reforçada através da invenção de tradições comuns a elas.

Logo, é correto assimilar as tradições inventadas não apenas como sendo ferramentas úteis, mas sobretudo necessárias para os Governos e Estados nacionais, afinal é a partir delas que cria-se o sentimento de pertencimento nacional institucionalizado. Essa institucionalização passa, necessariamente, pelo sistema educacional provido pelos Estados, num processo de “verticalização” de elementos como a língua e a cultura, ou seja, passando dos governos centrais para as suas populações. As “comunidades imaginadas”, trazidas por Benedict Anderson (2008), são fruto dessa atuação estatal, e o autor afirma que a normatização da língua e da escrita, por exemplo, são fundamentais para servir de base desses agrupamentos “imaginários”.

Como fora visto no capítulo anterior, esse mesmo tipo de ação ocorreu com o nacionalismo Iugoslavo (em detrimento do sérvio, croata, etc), mesmo antes do período Titoísta, quando o então Rei Aleksander buscou constituir o Iugoslavismo no

sistema educativo do país, unificar o exército e os clubes deportivos (CALIC, 2019, p. 105). Os movimentos daquela elite política confirmam a “verticalização” falada no parágrafo antecedente, e deixam claro, mais uma vez, que os nacionalismos precedem as nações nesse caso. A grande questão é que a monarquia iugoslava não foi capaz de gerar a coesão nacional que desejava, cenário que só se alteraria pós-Segunda Guerra Mundial, na figura central de Tito.

Um dos tantos aspectos que tornaram Tito o grande líder da Iugoslávia foi, como vimos também anteriormente, sua habilidade ao criar a tão almejada coesão nacional iugoslava. Essa característica pode ser analisada sob diversas perspectivas e temas, afinal o Marechal atuou em diversos segmentos culturais, políticos, sociais, econômicos, etc., e uma das mais marcantes foi a ressignificação da luta pela libertação. O Partido Comunista Iugoslavo foi preponderante na organização da população iugoslava durante a luta contra alemães e italianos durante a Segunda Guerra, como visto anteriormente, e, portanto, utilizaram-se disso para defender seu regime após a conquista da libertação.

A utilização dessa propaganda, mexendo com o anseio da população eslava duramente atacada durante a guerra, levou orgulho para os iugoslavos, afinal com pouca ajuda dos aliados eles foram capazes de derrotar a besta nazifascista. É a partir daí que, sob olhar do paradigma modernista, podemos traçar a importância da propaganda, que exalta feitos e símbolos históricos, para a consolidação da identidade nacional iugoslava, em detrimento dos nacionalismos sérvio e croata, além dos outros (esloveno, macedônio, etc). Por essa razão, durante os 35 anos que se seguiram a paz foi instaurada no território sob comando de Tito, com as nacionalidades que formavam a nação iugoslava vivendo harmoniosamente.

O grande porém é que, após a morte do Marechal, essa harmonia começou a desandar, dando palco às figuras de Franjo Tudjman (croata) e Slobodan Milosevic (sérvio), dois nacionalistas fervorosos que mudaram a história dos Balcãs. Entender a nação e o nacionalismo como fenômenos modernos auxiliam, sobre a análise dessas figuras, no entendimento das ações empreendidas por eles durante as décadas de 1980 e 1990. Tanto Tudjman quanto Milosevic são ótimos exemplos para a aplicação teórica do modernismo, pois ambos adotaram discursos nacionalistas com o objetivo de consolidar o apoio popular em torno de suas respectivas nações.

O líder croata adotou um discurso voltado para a necessidade da Croácia ser uma nação independente e soberana, enfatizando a riqueza cultural de seus antepassados e aplicando uma abordagem histórica revisionista. O revisionismo adotado por Tudjman trouxe grandes polêmicas para o seu governo, afinal, por exemplo, ele frequentemente revisitava o papel dos ustase durante a Segunda Guerra, minimizando as atrocidades cometidas por eles durante o conflito. Ele argumentava que esse grupo fascista não representava a nação e o nacionalismo croata, tentando desvinculá-los de seu movimento da década de 1990, porém pontuava que os crimes cometidos pelos colaboracionistas eram excessivamente lembrados, dando a entender que eram “perseguidos” pela historiografia (BENSON, 2001).

Em contrapartida, o líder sérvio falava essencialmente sobre a reivindicação da Grande Sérvia, ou seja, já demonstrando que o embate entre ambas as figuras e conseqüentemente suas nações era inevitável. Assim como Tudjman, Milosevic buscou no revisionismo histórico um alicerce para aflorar os ânimos nacionalistas na população sérvia, afirmando que esse grande Estado sérvio deveria servir como representação para todos os sérvios, mesmo aqueles que viviam em outros territórios, como na Croácia, além da busca pela ressignificação da atuação dos *chetniks* na II Guerra. Dessa forma, o palco para o grande conflito dos Balcãs estava montado, e foi questão de tempo até as hostilidades eclodirem, levando esse antagonismo à guerra (BENSON, 2001).

### 3.3 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE PARA A NAÇÃO E O NACIONALISMO

Como vimos durante este capítulo, a compreensão de que a nação e o nacionalismo são frutos da modernidade traz, em conjunto, a necessidade de explorar os elementos que são utilizados como ferramentas para alcançar a unidade nacional. Um dos principais focos desta pesquisa, o esporte tem caráter fundamental na vida cotidiana das pessoas e, pensando dessa forma, pode-se inferir sumariamente que ele tem grande relevância para os governantes das diversas nações do globo, exatamente na busca pela coesão nacional. Dessa forma, aqui o objetivo é explorar de que forma as diversas modalidades esportivas podem ser utilizadas para instigar o sentimento de pertencimento à nação nos indivíduos, deixando clara qual é a importância do esporte para os conceitos abordados.

Líderes nacionais utilizaram, utilizam e continuarão utilizando os esportes como forma de promoção da identidade nacional pelas quais são responsáveis, afinal as modalidades desportivas costumam ser vistas como áreas comuns de integração e socialização. Embora Anderson (2008) não trate especificamente sobre o esporte em sua obra, o autor diz que as nações são “comunidades imaginadas” porque os membros de uma nação não conhecem a maioria de seus compatriotas, e ainda assim têm sentimentos de conexão e pertencimento mútuos. Pensando a partir da perspectiva modernista é válido afirmar, portanto, que o esporte tem valor fundamental para as nações e promoção do nacionalismo, pois pode servir como forma de manifestação concreta do imaginário nacional.

As seleções nacionais de diversos esportes têm justamente esse como um dos objetivos, representar sua nação perante outras nações, podendo suscitar nas respectivas populações o sentimento de pertencimento que se almeja. O aspecto dos símbolos, amplamente abordado pelos autores modernistas através da ressignificação, é fundamental dentro desse contexto, afinal as seleções participam das competições internacionais entoando o hino, vestindo as cores e levantando as bandeiras de seus países, reforçando o “amor à nação”. Esse aspecto é preponderante, especialmente pensando que o sucesso esportivo (como no caso iugoslavo) se torna um ponto de identificação e orgulho comum para os cidadãos. (LEVERMORE, 2004)

O papel das seleções desportivas nacionais, como exemplo maior desse fenômeno, desdobra-se, transformando-as em embaixadoras atléticas ao participar de competições internacionais. Ao nos aprofundarmos em casos específicos, como os resultados esportivos da antiga Iugoslávia, torna-se evidente que as conquistas esportivas podem se converter em pontos cruciais de identificação e orgulho comuns para os cidadãos. Entretanto, por se tratar de um fenômeno sociológico, não podemos separar os objetos de análise (por exemplo: basquete e nacionalismo), e dessa maneira evidencia-se que esse sucesso não advém (pelo menos não exclusivamente) da individualidade do atleta, e sim do contexto em que está inserido, sobretudo para além das quadras. (BRENTIN; TREGOURES, 2016)

Entende-se, portanto, que os ganhos esportivos de uma nação estão além das medalhas e troféus levantados pelos(as) jogadores(as), pois o esporte mexe com a subjetividade, tem um quê de “paixão que não se explica”. É evidente que não desconsideram-se os resultados em campo, quadra, etc., pois são, como vimos



nos parágrafos anteriores, fundamentais para unir a nação, assim como derrotas análogas à “Davi e Golias”<sup>19</sup>. Aqui entra a questão subjetiva, e até mesmo metafísica, do esporte, retomando a ideia de Anderson (2008) sobre o imaginário nacional, para qual o papel dos atletas é substancial.

Portanto, pode-se afirmar que a função dos esportistas também está além da atuação dentro de quadra, impulsionado pela mídia, trazendo à tona a obra de Gellner (1993) – que fala sobre a importância das telecomunicações, servindo muitas vezes como “embaixadores” de suas nações. Até esse momento, o esporte fora tratado somente como um meio unificador e estabilizador das nações, mas ele também pode servir como ferramenta para nacionalismos insurgentes, como veremos no capítulo a seguir. É necessário reconhecer o poder do esporte ao servir como catalisador para a superação de divisões internas, promovendo a coesão nacional, porém é fundamental que se trabalhe a ideia dos desportos servindo como reflexo, ou mesmo acelerador, de tensões e conflitos internos das nações.

Conforme Murray e Pigman (2014) assinalam, o esporte, muitas vezes utilizado como ferramenta para a manutenção do nacionalismo de forma sadia, através da exposição de símbolos nacionais, por exemplo, também pode demonstrar seu lado sombrio. Os autores observam que esse local comum para a sociedade pode acabar sendo ocupado por discursos racistas e xenófobos, tanto em nível de clubes quanto em nível de seleções nacionais, contra torcedores e/ou atletas. “No esportes internacionais, os torcedores envolvem-se emocionalmente com a sua equipe nacional - e os hinos, as demonstrações de patriotismo e o simbolismo em massa aumentam certamente o nacionalismo.” (MURRAY, PIGMAN, 2014, p. 1104, tradução nossa<sup>20</sup>)

No contexto da Iugoslávia, o afloramento dos nacionalismos croata e sérvio é um grande exemplo disso, pois se – especialmente durante o período titoísta – o esporte serviu como pilar unificador, após a morte do grande líder esse cenário se

---

<sup>19</sup> Um exemplo notável disso é a campanha de Porto Rico no Campeonato Mundial de Basquete Masculino de 1990, quando a seleção caribenha chegou às semifinais com uma campanha invicta e acabou derrotada pela então maior campeã do torneio, União Soviética.

<sup>20</sup> Do original “In international sports, sports fans become emotionally involved with their national team – and the anthems, mass shows of patriotism and symbolism certainly heighten the sense of nationalism.” (MURRAY, PIGMAN, 2014, p. 1104). Após esse trecho, os autores dão o exemplo de quando a China sediou a Copa da Ásia de Futebol Masculino, e, durante uma partida entre China e Japão, os torcedores chineses entoaram músicas anti-japonesas da época da guerra de libertação, segurando cartazes dizendo para que os japoneses olhassem para a história e pedissem desculpas para o povo asiático.

alterou. A escalada das tensões étnicas na década de 1980 dentro do território iugoslavo, muito amparada nas propagandas nacionalistas sustentadas por Tudjman e Milosevic, evidentemente respingaria nos esportes. Neste cenário, em 1990, 10 anos após a morte de Josip Broz Tito, ocorreu, dentro do basquete, o caso que inspirou esta pesquisa, que será minuciosamente abordado no capítulo seguinte.

#### **4 O CASO “ONCE BROTHERS”**

Como visto nos capítulos anteriores, a década de 1980 foi marcada pelo fortalecimento de movimentos nacionalistas antagônicos dentro do território iugoslavo, o que acabou culminando, na década de 1990, em uma série de conflitos que levaram à dissolução iugoslava. Conhecido pelo nome “*Once Brothers*” graças ao documentário lançado em 2010 pela ESPN, o caso que serviu como maior e principal inspiração desta pesquisa ocorreu no dia 19 de agosto de 1990, em Buenos Aires, capital da Argentina, durante o Campeonato Mundial de Basquete Masculino. Campeã do torneio daquele ano, a forte seleção da Iugoslávia vivia o seu auge, porém, se dentro das quadras as coisas iam bem, fora delas estavam indo de mal a pior, e o contexto do país respingou no contexto da seleção.

Slobodan Milosevic, que já vinha mobilizando as camadas populares sérvias desde a morte de Tito, passou, em 1986, a fundamentar sua agenda resgatando os princípios da “Grande-Sérvia”, ressignificando, entre outros exemplos, a atuação dos *chetniks* na II Guerra. “Toda uma indústria comemorativa produziu revistas, flâmulas, emblemas, postais, CDs e outros objetos de recordação ligados aos guerrilheiros” (CALIC, 2019, p. 278), demonstrando o papel dessa ressignificação para a difusão do nacionalismo sérvio. O líder da Sérvia, analisando o contexto de identificação cada vez menor da sua população com a Iugoslávia, aproveitou-se disso para mobilizá-la em busca de seu objetivo.

Tendo em vista essa atuação cada vez mais centralizadora do governo iugoslavo nas mãos sérvias, ocorreu em 1989 a fundação da União Democrática Croata, partido político encabeçado por Tudjman e que tornaria-o, futuramente, primeiro Presidente da história da Croácia. Através desse ente, os nacionalistas croatas encontraram um meio para debater o rumo não somente de seu território como, conseqüentemente, de toda a Iugoslávia. Calic (2019, p. 283) cita inclusive a

importância dos clubes de futebol para o contexto, afinal os *hooligans*<sup>21</sup> de clubes sérvios e croatas passaram, sobretudo a partir de 1987, a entoar cânticos dos *Chetniks* e usar a saudação *Ustasha*, respectivamente, inflamando as rivalidades entre as torcidas, pautadas em demonstrações ultranacionalistas.

Apesar desses embates entre as torcidas dos clubes desportivos de ambos os países, em se tratando das seleções nacionais as coisas permaneciam como se Tito ainda estivesse vivo, pois conservava-se o ideal de “unidade e irmandade” entre os atletas. No contexto do basquete, a melhor geração iugoslava veio após a morte de Tito, conquistando o único ouro olímpico da ex-Federação, nesta modalidade, alguns meses após o falecimento do Grande Líder, bem como um prata em 1988 e, por fim, a última grande conquista esportiva do país com todos os seus melhores atletas, o título de melhor equipe do mundo em 1990<sup>22</sup>. Para tanto, será apresentada essa grande consagração e, logo após, veremos, minuciosamente, o caso protagonizado por Drazen Petrovic e Vlade Divac.

#### 4.1 A GRANDE CONQUISTA DA GRANDE GERAÇÃO

A terceira medalha de ouro da Iugoslávia no Campeonato Mundial de Basquete Masculino, obtida em 1990, tornou-a (naquele momento) a maior campeã do torneio – junto da União Soviética –, superando os Estados Unidos, que havia conquistado duas edições. Na primeira fase, os iugoslavos enfrentaram as seleções de Porto Rico, Venezuela e Angola, tendo sua única derrota em toda a competição sofrida nessa fase contra os porto-riquenhos, pelo placar de 82 a 75. Com duas vitórias (92 a 84 contra a Venezuela e 92 a 79 contra Angola) e a derrota para os caribenhos, os eslavos do sul classificaram-se para a segunda fase com a segunda colocação do grupo A.

---

<sup>21</sup> Os *hooligans* surgiram na Inglaterra, em meados de 1960, e logo esses movimentos se espalharam pela Europa. O hooliganismo, conceito amplamente abordado por Dunning (2014), é, segundo o autor, um reflexo dos processos de formação do Estado, que não necessariamente gera consequências civilizatórias, sobretudo pensando a partir do monopólio do uso da força e da violência, que acaba levando a graves conflitos (dentro do contexto do esporte) entre torcedores (nesse caso, os *hooligans*) e contra as forças do Estado, representado pela polícia.

<sup>22</sup> No Basquete, a Iugoslávia foi (e continua sendo até hoje), junto dos EUA e da antiga União Soviética, a maior vencedora. Segundo os portais do COI (Comitê Olímpico Internacional), responsável pelas Olimpíadas, os iugoslavos somaram uma medalha de ouro (1980), quatro de prata (1968, 1976, 1988 e 1996) e uma de bronze (1984). Na FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), a Iugoslávia somou cinco ouros (1970, 1978, 1990, 1998 e 2002) no Campeonato Mundial e continua empatada (sic.) com os EUA na liderança, já no EuroBasket conquistou oito ouros (perdendo somente para os soviéticos que alcançaram a marca de quatorze conquistas).

Na etapa seguinte, os iugoslavos jogaram no grupo B, compondo-o juntamente com a União Soviética, a Grécia e o Brasil, que, vale ressaltar, era comandado pelo grande Oscar Schmidt<sup>23</sup>, maior jogador brasileiro de basquete de todos os tempos, e um dos maiores da modalidade em escala global. Para avançar às semifinais, a Iugoslávia bateu os brasileiros por 105 a 86, os soviéticos por 100 a 77 e os gregos por 77 a 67, ocupando a primeira colocação do grupo e, conseqüentemente, lançando-se para enfrentar o segundo colocado do grupo A daquela fase, os Estados Unidos. O panorama das semifinais era o seguinte: na primeira chave, Porto Rico (com a melhor campanha da competição) encararia a União Soviética, e na segunda chave os iugoslavos encarariam os estadunidenses.

Em sua primeira derrota durante toda a competição, os porto-riquenhos foram superados pelos soviéticos pelo placar final de 98 a 82, e assim rumaram para a disputa pelo terceiro lugar, cedendo a vaga para a grande final à URSS. Na outra chave, os iugoslavos venceram o time de novatos dos EUA pelo placar de 99 a 91, confirmando as expectativas sobre a seleção e tornando-os ainda mais favoritos para vencer a final. A final, ocorrida no *Luna Park*, em Buenos Aires, talvez tenha sido o último grande “suspiro” dos socialistas iugoslavos (em sua configuração original) no contexto esportivo, afinal, um ano depois iniciaram-se, de fato, os processos de dissolução da Iugoslávia.

Esses processos já eram mais notáveis na seleção soviética, pois não foram à “Argentina os lituanos Sabonis, Marchulonis, Kurtinaitis e Homicius [que foram tratados pelo seu técnico, Vladas Garastas, como] desfalques políticos de seu time” (JORNAL DO BRASIL, 1990). O grande “desfalque político” para os soviéticos acabou sendo Arvydas Sabonis<sup>24</sup>, considerado o maior basquetebolista lituano da história e apontado algumas vezes como um dos maiores em termos do continente europeu. Dessa forma, pode-se inferir que o processo de fim da União Soviética também teve reflexo dentro das quadras, pois assim como na Iugoslávia, naquele

---

<sup>23</sup> O ex-atleta de 2,05m de altura é o maior pontuador da história do esporte da bola laranja. O “Mão Santa”, como é popularmente apelidado, chegou a participar do *draft* de 1984 da NBA, tendo sido escolhido para assinar contrato, porém, acabou recusando a proposta porque naquela época a FIBA não permitia que atletas que atuavam na Liga Norte-Americana defendessem suas seleções. Desta forma, Oscar Schmidt conquistou o Pan-Americano de 1987, quando a seleção brasileira derrotou os estadunidenses dentro de sua própria casa, em Indiana, a maior conquista do basquete brasileiro até hoje. Também alcançou a medalha de bronze no Mundial de 1978.

<sup>24</sup> Arvydas é pai de Domantas Sabonis, pivô que atualmente joga pelo Sacramento Kings, sendo uma das referências do time e da seleção lituana, carregando o legado do pai.

momento os movimentos separatistas estavam em plena atuação, a exemplo do lituano.

Apesar da iminente separação das repúblicas que compunham a federação iugoslava, os atletas que formavam a seleção nacional continuavam participando e representando a nação que os unia. Aquele elenco vencedor foi formado por representantes de cinco das seis repúblicas iugoslavas, havendo cinco croatas, quatro sérvios (mais o técnico), um montenegrino, um esloveno e um bósnio, faltando apenas um macedônio para ser totalmente representativa<sup>25</sup>. Apesar da pluralidade, os três grandes destaques, dentre os doze atletas convocados, eram dois croatas (Toni Kukoc e Drazen Petrovic) e um sérvio (Vlade Divac), sendo que, naquele momento, somente Petrovic e Divac jogavam por franquias da NBA (*National Basketball Association*).

A relação entre esses dois jogadores era semelhante à de irmãos – por isso, ‘*once brothers*’ –, sendo Drazen quatro anos mais velho do que Vlade (o primeiro nasceu em 1964 e o segundo em 1968). Apesar da notável diferença de idade entre eles, ambos foram escolhidos por franquias da NBA no mesmo ano, em 1989, tendo o ala-armador croata sido selecionado pelo *Portland Trail Blazers* e o pivô sérvio pelo *Los Angeles Lakers*. Graças a essa coincidência e por partilharem a mesma origem balcânica, principalmente linguística, ainda dentro da ideia do ideal de unidade e irmandade (sendo essa a outra razão para o nome do caso ser ‘*once brothers*’), o ala-armador dos Blazers e o pivô dos Lakers logo se tornaram melhores amigos no território estadunidense.

Após o jogo contra a União Soviética, entretanto, esse cenário se alterou, pois aquilo que deveria ser motivo de comemoração acabou se tornando a causa do rompimento dessa relação de irmandade. Após uma partida exuberante de Petrovic, que anotou 18 pontos, e uma atuação apagada de Divac (com apenas 6 pontos), a Iugoslávia bateu a União Soviética pelo placar de 92 a 75, mostrando porque era tão favorita no confronto, e assim sagrou-se campeã do Campeonato Mundial de Basquete Masculino de 1990. O contexto histórico no qual estavam inseridos, porém, tratou de acabar com a festa dos iugoslavos, pois pouco tempo depois do apito final o panorama tomou outra direção, mostrando aos espectadores daquela partida a gravidade do conflito que eclodia nos Balcãs.

---

<sup>25</sup> O elenco era composto por: Drazen Petrovic, Velimir Perasovic, Zoran Cutura, Toni Kukoc e Arijan Komazec (croatas); Vlade Divac, Zeljko Obradovic, Radisav Curcic e Zoran Jovanovic (sérvios); Jurij Zdovc (eslovaco); Zoran Savic (bósnio); e Zarko Paspalj (montenegrino).

## 4.2. A RUPTURA E O CONTEXTO DA ÉPOCA

O clima de euforia iugoslavo, após a gigantesca vitória sobre os soviéticos, logo transformou-se em um clima que, refletindo a situação da Iugoslávia naquele momento, mostrou-se violento e disruptivo, trazendo à tona para o público que não sabia da situação no território iugoslavo o que estava acontecendo. Conforme relata o próprio Divac no documentário *Once Brothers* (2010), o ato de invasão da quadra por um argentino descendente de croatas, empunhando a bandeira da Croácia, irritou-o profundamente, o que levou-o a dizer ao torcedor que aquela bandeira não deveria estar ali. Após dizer isso, o atleta sérvio retirou o item das mãos do adepto e arremessou-a para longe, afirmando que aquela seleção representava a Iugoslávia, e não alguma das repúblicas específicas que a compunham.

Por consequência desse ato, Divac passou a ser visto como um herói sérvio e um vilão para os croatas, estremecendo as relações entre ele e Petrovic, que passou a ignorá-lo quando seus times disputavam partidas na NBA. O “episódio da bandeira” acabou com a relação de amizade entre os dois atletas e, conforme o trecho a seguir, Petrovic confirmou essa rachadura, quando afirmou, em entrevista cedida em 1993, que

“Não conversamos. Nós éramos realmente próximos quando jogávamos na Iugoslávia, mas as coisas ficaram duras em nosso país, e não nos falamos mais”, revelou, admitindo que o atrito entre os dois era “mais algo político do que qualquer outra coisa” (SANDES, 2018)

O contexto iugoslavo naquele momento era bélico, e os atletas, embaixadores de suas nações, não poderiam separar a “política” do esporte, afinal esses conflitos afetavam diretamente a vida deles, visto que, mesmo morando longe (como o caso de Divac e Petrovic), seus amigos, familiares, etc. viviam inseridos naquele espaço. É necessário, portanto, abordar o cenário da Iugoslávia na época em que ocorreu o caso, apontando alguns outros acontecimentos e fatos marcantes daquele período, pré e pós-caso. Alguns meses antes, em maio daquele ano, ocorreu outro episódio dentro do quadro esportivo, que por muitos é considerado o estopim da Guerra Civil Iugoslava.

No dia 13 de maio de 1990<sup>26</sup>, em Zagreb, capital da Croácia, enfrentaram-se no estádio Maksimir o Dínamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado, que representavam o maior clássico do futebol iugoslavo. Aquela partida ficou marcada pela batalha campal entre *hooligans* croatas e sérvios, que foi fortemente reprimida pela polícia iugoslava, naquele momento com viés pró-Sérvia por conta das políticas adotadas por Milosevic. Como apontado por Dunning (2014), esses comportamentos surgem a partir do monopólio do uso da violência pelo Estado, que, nesse caso representado pela Iugoslávia, acabou sendo mais combativo com relação aos torcedores croatas, fato que gerou revolta no atleta Zvonimir Boban, croata craque da então seleção iugoslava e do Dínamo.

Ao ver a repressão sofrida pelos torcedores croatas dentro de seu próprio estádio, Boban, num ato encarado como heróico no imaginário croata, atacou um dos policiais iugoslavos, desferindo-lhe um chute no rosto. Dordevic (2012) assinala que esse ato tornou-se simbólico, transformando o atleta em um herói, que ao fazer aquilo estava sacrificando-se em nome da pátria. No documentário *Croatia: defining a nation*<sup>27</sup>, Boban diz: “tinha a responsabilidade de promover meu país, defender seus propósitos, democracia, independência e ser o melhor embaixador que pudesse. E foi o que eu fiz.” (BOBAN, 2022)

A partir desse confronto, e sobretudo da narrativa criada em torno dele, o sentimento de nacionalismo marcou os torcedores croatas e sérvios, que logo em seguida trocariam suas bandeiras por fuzis na Guerra Civil. Mills (2018) aponta que esse acontecimento corroborou para a solidificação dessas identidades nacionais, cujas consequências seriam vistas especialmente a partir de 1991. Com Tudjman na presidência da Croácia, Milosevic na Sérvia e esse ato de Boban que serviu para fortalecer as identidades nacionais croata e sérvia, o palco estava montado para a Guerra, demonstrando seu caráter simbólico ainda em 1990, no caso *Once Brothers*.

---

<sup>26</sup> Pouco tempo antes da partida, em abril, haviam ocorrido as eleições multi-partidárias na Croácia, responsáveis por colocar Tudjman na presidência da Croácia, abastecendo ainda mais os ânimos nacionalistas-separatistas na população daquele país.

<sup>27</sup> Na mesma produção, Robert Prosinecki, outro atleta de futebol croata com grande destaque na década de 1990, diz: “Jogadores de futebol vivem pelo esporte e não pela política. Mas, era início dos anos 1990, e dava para perceber que haveria enormes problemas. A guerra que se avizinhava era o pior que podia acontecer.” (PROSINECKI, 2022)”.

Ainda em 1990, o novo Parlamento Croata, liderado por Tudjman, anunciou que uma nova Constituição seria promovida com a intenção de ratificá-la ainda naquele ano, o que acabou de fato se concretizando<sup>28</sup>. A grande questão acerca desse novo documento dizia respeito à minoria sérvia que residia no país, pois os próprios sérvios, tendo conhecimento das disputas entre Tudjman e Milosevic, começaram a temer represálias por parte das autoridades croatas. Dessa forma instauraram-se, nas regiões com grandes populações sérvias (dentro da Croácia), alguns conflitos entre o Governo croata e as minorias supracitadas, acalentando o ódio entre essas comunidades e resultando em uma nova ordem do Exército Popular da Iugoslávia (JNA). (BENSON, 2001)

Segundo Benson (2001), a ordem anterior (advinda do próprio Tito) era de que cada uma das repúblicas tinha responsabilidade pela defesa do respectivo território, ou seja, dessa forma o governo croata poderia usar sua força para compelir os movimentos separatistas sérvios. A nova doutrina adotada, porém, fez com que esse modo descentralizado de defesa fosse substituído por uma centralização nas mãos do exército federal, cuja sede era em Belgrado, para atender aos interesses de Milosevic. Nessa medida, em fevereiro de 1991, atendendo às expectativas do presidente sérvio, os sérvios residentes da Croácia anunciaram a fundação da República Sérvia de Krajina, ressaltando a busca pela Grande Sérvia.

Em paralelo a isso, naquele ano, no basquete, a seleção iugoslava disputou o *EuroBasket* realizado na Itália, entre 24 e 29 de junho, porém dessa vez não contou com a presença de Drazen Petrovic. O ala-armador croata, sabendo das condições sociais da Iugoslávia naquele momento, preferiu ficar de fora, porém a seleção acabou sendo campeã daquela edição com certa facilidade, terminando invicta e derrotando os próprios italianos na final. Um fato marcante daquele torneio foi a saída do atleta Jure Zdovc<sup>29</sup> durante a competição, pois ele, esloveno, alegou que sua nação estava sendo alvo de agressões por parte do governo de Milosevic.

Coincidência ou não, croatas e eslovenos haviam anunciado que, no dia 26 de junho daquele ano, anunciariam sua “soberania”, nas palavras de Benson (2001).

---

<sup>28</sup> O fato ocorreu no dia 22 de dezembro de 1990, pouco mais de 4 meses após o caso Once Brothers.

<sup>29</sup> Apesar de ter tomado essa atitude na época, atualmente o ex-atleta sustenta um discurso “apolítico”, dizendo que isso ficou para trás com o tempo e que o esporte e o basquete “venceram a política”.



Entretanto, foram aconselhados<sup>30</sup> para que adiassem essa declaração em alguns meses e, dessa forma, no dia 8 de outubro de 1991 a Croácia anunciou<sup>31</sup>, por meio de seu Parlamento, sua independência e desmembramento da Iugoslávia, dando início de fato à Guerra. Dentro dessa perspectiva, e sobretudo a partir do reconhecimento da Croácia como soberana pela Alemanha, a já fundada República Sérvia de Krajina anunciou sua independência no dia 19 de dezembro de 1991, com as minorias sérvias da Eslovênia e da Bósnia aderindo (oficialmente) à essa instituição nos dias 24 de dezembro e 9 de janeiro de 1992, respectivamente.

Estava completa a “sequência de revoltas”, nas palavras de Benson (2001), e a partir de então, com o tabuleiro totalmente preenchido, irromperam conflitos sanguinolentos, pautados nas propagandas nacionalistas de Tudjman e Milosevic. As elites políticas da Croácia e da Sérvia haviam obtido seus respectivos objetivos: mobilizaram suas populações, especialmente por meio da propaganda, para que seus interesses fossem atendidos, utilizando os nacionalismos como ferramentas para a manutenção de seus *status quo*. “Os crimes de guerra foram cometidos a uma escala desconhecida na Europa desde 1945, as violações dos direitos humanos eram uma ocorrência cotidiana.” (BENSON, 2001, p. 166, tradução nossa<sup>32</sup>), e o autor estima cerca de 200000 vítimas entre mortas e desaparecidas.

No esporte, a última grande participação de Petrovic como atleta e a primeira da Croácia sendo independente, ocorreu nas Olimpíadas de Verão de 1992, realizada em Barcelona<sup>33</sup>, Espanha. Muitos elementos podem ser destacados a partir da pesquisa sobre esse Megaevento esportivo, sobretudo pensando no aspecto do uso do esporte nas relações internacionais. Como veremos a seguir, na última subseção deste capítulo, essas Olimpíadas foram fundamentais para Tudjman e a nação croata, sobretudo pensando na aplicação da teoria modernista sobre nacionalismo ao caso iugoslavo, usando o esporte como ferramenta das elites nacionais.

---

<sup>30</sup> Pela Comunidade Europeia, no intuito de acalmar os ânimos, o que acabou não servindo para nada, pois o conflito se instaurou da mesma forma.

<sup>31</sup> A Eslovênia também anunciou sua independência no mesmo dia.

<sup>32</sup> Do original: “War crimes were committed on a scale unknown in Europe since 1945, violations of human rights were a daily occurrence.”

<sup>33</sup> As autoridades espanholas tiveram medo de que os ímpetos separatistas das ex-repúblicas da Iugoslávia e da União Soviética trouxessem influências para os catalães, historicamente reconhecidos pela sua luta independentista frente ao Estado espanhol.

### 4.3 AS OLIMPIADAS DE VERÃO DE 1992 E SEUS SÍMBOLOS

Ocorridos entre os dias 25 de julho e 9 de agosto de 1992, Jogos Olímpicos de Verão de Barcelona foram marcados, como todos os Megaeventos esportivos, por simbolismos e elementos que auxiliam na compreensão de casos mais complexos, como foi o caso da dissolução iugoslava. Nesse sentido, o primeiro ponto a ser levantado sobre essas Olimpíadas é justamente a não-participação da Iugoslávia, naquele momento formada por Sérvia e Montenegro, funcionando como uma sanção aplicada ao governo de Milosevic pelas atrocidades que estavam acontecendo sob seu comando. Graças a essa sanção, o Comitê Olímpico Iugoslavo recebeu suspensão e os atletas das repúblicas remanescentes, sérvios e montenegrinos, puderam participar dos Jogos sob a denominação de Participantes Olímpicos Independentes<sup>34</sup>, era o fim da unidade e irmandade concretizada.

Em contrapartida, a Croácia teve sua primeira participação em torneios esportivos, sendo independente, justamente em Barcelona, onde obteve uma medalha de prata e duas de bronze, no basquete masculino e no tênis simples e de dupla (também masculinos), respectivamente. No grupo A, a Croácia enfrentou os EUA, o Brasil, Alemanha, Angola e Espanha, tendo sido derrotada somente pelos estadunidenses até chegar à final<sup>35</sup>. Nas quartas de final derrotou a Austrália, com 98 a 65, nas semifinais derrotou a Equipe Unificada<sup>36</sup> pelo placar apertado de 75 a 74, avançando para a final, onde enfrentaria novamente o *Dream Team*<sup>37</sup>, que havia despachado a Lituânia na mesma fase.

A disputa pela medalha de bronze traz novamente os lituanos para a pesquisa, pois não participaram do Mundial de 1990, na Argentina, graças ao momento que viviam na União Soviética e, dois anos depois, enfrentaram a Equipe Unificada que representava as outras ex-repúblicas soviéticas. Liderados por

---

<sup>34</sup> Esse processo aconteceu recentemente com a Rússia, que não pôde ser representada nas Olimpíadas de Tóquio de 2020 (que ocorreu em 2021 devido à Covid-19) exatamente por conta das sanções aplicadas ao seu Comitê Olímpico.

<sup>35</sup> Venceu o Brasil na estreia, por 93 a 76, perdeu para os EUA por 103 a 70, venceu os donos da casa por 88 a 79, a Alemanha por 99 a 78 e Angola por 73 a 64. As estrelas da seleção croata eram Drazen Petrovic, Toni Kukoc e Dino Radja.

<sup>36</sup> Composta por 12 das 15 ex-Repúblicas Socialistas Soviéticas, sendo as 3 não-participantes a Estônia, a Letônia e a Lituânia.

<sup>37</sup> Considerado por muitos aficionados por basquete como o melhor time da história do esporte, o *Dream Team* só foi possível porque a FIBA alterou a regra que não permitia a participação de atletas da NBA nas Olimpíadas, após a campanha de terceiro lugar dos estadunidenses nas Olimpíadas de 1988, dando oportunidade para que os seguintes atletas competissem naquele ano: Michael Jordan, Karl Malone, Patrick Ewing, Larry Bird, entre outros fenômenos.

Arvydas Sabonis, os lituanos venceram seus ex-companheiros pelo placar final de 82 a 78, digno de um jogo com tantos simbolismos e que correspondeu às expectativas. Além dessa medalha de bronze, a Lituânia conquistou duas de ouro, naquela que ficou marcada como sua primeira participação independente desde 1928.

Na grande final, entre croatas e estadunidenses, também houveram alguns temperos adicionais que tornaram aquele jogo ainda mais espetacular, a começar pelo *Dream Team* norte-americano. Com uma campanha invicta até aquele momento, conquistando sete vitórias nos sete jogos disputados, a equipe de Michael Jordan chegou como franco-favorita à final contra a Croácia, e assim se confirmou. Pelo placar final de 117 a 85, os estadunidenses alcançaram sua oitava vitória na competição, com uma vantagem média de 43,8 pontos, sublinhando a superioridade técnica dos atletas que atuam na NBA sobre as outras Ligas profissionais do mundo.

Outro fato importante foi a presença de Franjo Tudjman nas arquibancadas durante aquela partida, destacando a importância daquele momento para a Croácia, que estava sendo representada pela primeira vez em sua história de forma independente nas Olimpíadas. Mesmo com a derrota em quadra, o basquete estava servindo como “atalho” para se tornar mundialmente conhecida após sua independência, e seu Presidente sabia disso, transformando essa derrota em uma vitória simbólica<sup>38</sup>. A frase “ficou com a prata, mas incomodou” revela esse caráter, pois a seleção croata teve a menor vantagem sofrida contra os EUA em toda a competição, e Drazen Petrovic foi o atleta com maior tempo de quadra e número de pontos marcados (entre croatas e norte-americanos), com 37 minutos e 24 pontos respectivamente.

Graças a esse desempenho espetacular, o regata número 4 da Croácia consagrou-se como o grande basquetebolista do país, sendo ainda mais reconhecido por seus feitos dentro de quadra. Simbolicamente, o atleta já estava no imaginário popular como um herói da nação, especialmente pela sua relação com Divac, com quem nunca mais voltou a manter amizade. Drazen firmou-se, portanto, como o maior esportista de sua nação no século XX, antes mesmo de sua morte prematura, aos 28 anos de idade, destacando que esse reconhecimento não se deu por conta de sua morte, mas sim pelos seus feitos em vida.

---

<sup>38</sup> Lembrar do exemplo de Porto Rico no Campeonato Mundial de 1990, citado anteriormente.

### 4.3.1 O adeus para Drazen

Infelizmente Petrovic veio a óbito no dia 7 de junho de 1993, em um acidente automobilístico na Alemanha, acompanhado de sua namorada, após sua melhor temporada como atleta da NBA e a maior conquista do basquete croata, tornando-se uma lenda do esporte, mundial e localmente falando. Considerado ainda por muitos como o maior basquetebolista europeu da história, o “*Mozart of Basketball*”<sup>39</sup>, natural de Sibenik, viveu grandes emoções no esporte e, especialmente fora de quadra, nunca fugiu do papel de embaixador, sempre defendendo os interesses de sua nação. Como disse Iva Majoli, tenista croata que teve grande destaque também na década de 1990, no documentário produzido pela FIFA+,

Franjo Tudjman se esforçou muito para ajudar os atletas, nos dando passaporte diplomático para facilitar as viagens. Ele sabia que o esporte é muito importante para o país que tem tantos atletas. As pessoas nos viam, nos ouviam, e espero que agora tenhamos mais a dizer, pois acho que somos os maiores embaixadores do nosso país. (MAJOLI, Iva, 2022)

Após a morte do atleta croata, que já estava inserido no imaginário nacional como um grande herói e representante da nação, um grande funeral em Zagreb foi realizado, reunindo milhares de pessoas para aquele momento. Tudjman esteve presente, junto com os altos funcionários do governo croata, no sepultamento de tradição católico romana, onde o corpo do ex-atleta foi acompanhado pela Guarda de Honra do presidente do país (LEE, 2018). Pode-se traçar um paralelo, por exemplo, entre a morte do eterno número 4 com a morte de Ayrton Senna (falecido em maio de 1994), que também teve um forte efeito no sentimento de pertencimento nacional da população brasileira, pois foi um grande atleta e também ostentava símbolos como a bandeira tupiniquim, representando a nação do Brasil nos campeonatos mundiais.

Divac, que na década de 1990 era apoiador das ações empreendidas por Milosevic, relembra no documentário da ESPN sua relação com o “outrora irmão”

---

<sup>39</sup> Em 2002, ele entrou para o *Naismith Memorial Basketball Hall of Fame*, o Hall da Fama do basquete estadunidense. O título de maior jogador europeu de basquete foi concedido também postumamente ao atleta, tendo sido votado pelos jogadores da FIBA para obter essa designação, em 2013. Assim como Mozart foi pioneiro na música clássica, Petrovic foi pioneiro na transição de atletas europeus para a NBA, além de ser reconhecido por sua técnica refinada e precisão nos arremessos desde muito jovem, bem como o músico.

Drazen, que não pôde participar do sepultamento graças ao contexto histórico. Ele diz que se arrepende daquela atitude no episódio da bandeira, especialmente porque não teve a oportunidade de se despedir do grande amigo, morto prematuramente, além de que deixou algo “político” influenciar suas relações de amizade com os colegas croatas (DIVAC, 2010). Ainda, o ex-pivô pede desculpas à mãe e ao irmão de Drazen<sup>40</sup>, lembrando os momentos que viveram juntos, além de ter sido hostilizado, durante as gravações, nas ruas da Croácia, especialmente enquanto visitava o túmulo de Petrovic, mostrando que os nacionalismos ainda são fortemente presentes na região.

Após a morte de Petrovic, os conflitos voltaram a se intensificar entre croatas e sérvios e croatas e bósnios muçulmanos, seguindo assim até novembro de 1995, quando, sofrendo muitas acusações no cenário internacional (especialmente por crimes de guerra), Milosevic retirou as tropas iugoslavas do território croata. Para tal, a Bósnia-Herzegovina, a Croácia e a Sérvia assinaram o Acordo de Dayton (21 de novembro de 1995), onde concordaram em dividir o território bósnio em duas partes: uma para a etnia sérvia e a outra para croatas e bósnios. Dessa forma, chegou ao fim a Guerra de Independência da Croácia, com a Iugoslávia permanecendo com esse nome até 2003, quando foi renomeada para “Sérvia e Montenegro”<sup>41</sup>. (BENSON, 2002)

Em 2005, 15 anos após o caso que originou essa pesquisa, Vlade Divac anunciou sua aposentadoria, deixando um grande legado para os jogadores europeus na NBA, tendo participado de 16 temporadas na Liga norte-americana. Em 2009, o ex-atleta sérvio foi eleito presidente do Comitê Olímpico Sérvio, tendo enfrentado o reconhecimento da região de Kosovo como independente pelo Comitê Olímpico Internacional. Naquele momento, Divac, que havia condenado publicamente a intervenção da OTAN na região (MULAJ, 2022, p. 21) afirmou que essa ação do COI não afetaria a relação dos sérvios com a Organização, adotando uma postura moderada, apesar do nacionalismo sérvio, para que não prejudicasse sua nação e não a deixasse de fora das Olimpíadas após 2008 (ano do reconhecimento da região kosovar).

A repercussão do episódio da bandeira, protagonizado por Divac e Petrovic, continua em pauta até hoje, especialmente por conta do documentário lançado pela

---

<sup>40</sup> Aleksandar Petrovic, que foi treinador da seleção brasileira de basquetebol entre 2017 e 2021.

<sup>41</sup> Após três anos, em 2006, por meio de um referendo popular, os montenegrinos decidiram independizar-se da Sérvia.

ESPN e que nomeou o caso. Sua influência para o entendimento do contexto histórico-político iugoslavo é evidente, e, segundo Mulaj (2002), esse caso é sempre lembrado como um exemplo de como o nacionalismo, a partir da verticalização promovida pelas elites políticas, pode afetar relações profissionais e de cunho pessoal. O autor também aborda a importância do caso para o recrudescimento dos nacionalismos croata e sérvio naquele período, traçando um paralelo com o caso protagonizado por Boban também em 1990.

Dessa forma, fica evidente o papel do esporte, aqui buscando realçar a significância do basquete, enquanto instrumento para a promoção do nacionalismo, pois pôde-se tratar sua função tanto como unificador quanto como divisor. As elites políticas, buscando a manutenção do *status quo* através da mobilização das camadas populares, utilizam os atletas, principais embaixadores de suas nações, como “atalhos” para atingir seu objetivo. Os atletas empunham bandeiras e entoam os hinos de seus países, e o contrário também ocorre, quando optam por ofuscar símbolos nacionais e/ou não cantar o hino do país que está representando, pois têm conhecimento da exposição que existe em cima deles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, buscou-se estabelecer em todos os momentos a correlação entre o contexto histórico, o marco teórico definido e o caso estudado com o apoio de outros casos complementares, da esfera esportiva, a fim de conceber a aplicação do que é o nacionalismo contextual, nas palavras de Maia (2020). Para buscar consolidar o esporte, neste caso representado pelo basquete, como um importante meio para a promoção da identidade nacional e de pautas nacionalistas croata e sérvia, o paradigma modernista foi explorado, afinal o autor entende que o caso iugoslavo se encaixa muito bem à ele, e vice-versa. Dessa forma, especialmente o conceito de “comunidades imaginadas” de Anderson (2008) foi abordado e relacionado com o papel do basquete para os nacionalismos da Croácia e da Sérvia na década de 1990, principalmente pensando que os atletas, enquanto embaixadores de suas nações, são propagadores de símbolos nacionais e, conseqüentemente, são parte fundamental da formação do ideário nacional.

Os esforços de Tudjman e Milosevic para usarem o esporte como meio de difusão de seus respectivos nacionalismos foi notável, e durante a pesquisa procurou-se demonstrar de que forma os dois governantes, na figura de Drazen Petrovic e Vlade Divac, empreenderam essas ações, que acabou resultando no caso “*Once Brothers*”. Para tanto, o modernismo (no que tange ao nacionalismo) ajuda na compreensão de que os ganhos esportivos vão muito além dos resultados dentro dos campos e das quadras, especialmente pensando na questão simbólica por trás do esporte, uma vez que, trazendo o conceito de Anderson (2008) novamente, os desportos servem também para a ressignificação de símbolos e concretização da identidade nacional. Ainda, foram exploradas as diferenças entre os nacionalismos croata e sérvio, visando demonstrar na prática que o conceito de nacionalismo não deve ser visto como algo estático, demonstrando seu caráter polissêmico e multifacetado.

Além disso, analisou-se o papel do esporte como parte de sanções que podem ser aplicadas a países quando são acusados de crime de guerra, a exemplo da Iugoslávia nas Olimpíadas de 1992, sobressaltando a função que os desportos têm para as Relações Internacionais. Constatou-se, juntamente, que o tema é atual e, mesmo fugindo do *mainstream* dentro do *mainstream* (visto que o esporte está fora dessa camada e, dentro do campo do esporte, o futebol é predominante) pode

ter grande relevância acadêmica para a área das RI, pois a partir de hipóteses grandes pode-se chegar a casos extremamente específicos e demonstrar seu impacto nas relações internacionais, a exemplo da repercussão que o “episódio da bandeira” continua tendo até hoje. Ao assistir documentários como “*Once Brothers*” e “*Croatia: defining a nation*” essa expectativa se confirma, pois o caso ainda é reverberado e tem presença significativa ainda hoje no imaginário popular daquelas nações, a exemplo dos xingamentos que Divac recebeu durante a gravação do primeiro.

As demonstrações de ódio e xenofobia se mantêm em alta na região dos Balcãs, e quando os países em questão se enfrentam, tanto no basquete quanto no futebol, não é incomum que bandeiras sejam queimadas, cânticos que remontam aos ustase e aos chetniks sejam entoados, etc., ou seja, o caso de Drazen e Vlade na verdade é um pequeno recorte, que, por estar inserido naquele contexto, carrega uma quantia inestimável de simbolismos e representações. Conforme novos casos forem surgindo ou casos antigos forem reaparecendo para a mídia, buscar-se-á a origem desses discursos, e espera-se que este trabalho possa ajudar nesta empreitada, afinal nele a contextualização histórica foi pautada desde o surgimento das nações e nacionalismos abordados. É também preciso reafirmar que, a importância dos paradigmas que debatem esses dois conceitos, nação e nacionalismo, está exatamente na necessidade de buscar categorizá-los, e dessa forma entende-se a necessidade dos estudos de caso para procurar comprová-los.

Outro aspecto fundamental para o trabalho foi, a partir da devida apresentação, evidenciar as diferenças entre cada uma das correntes que compõem este extenso debate, a fim de sublinhar o porquê da escolha pelo modernismo, deixando claro que essa escolha não é generalista, e sim baseada no contexto histórico e caso escolhidos para aprofundamento. Portanto, faz-se necessário destacar que, dependendo da contextualização e acontecimento estudados, pode-se escolher um modelo diferente para a análise, como o etno-simbolista, por exemplo. Assim, salienta-se que em pesquisas futuras procurar-se-ão contextos e casos propícios para aplicação de outros modelos.

Por fim, evidencia-se que foi possível estudar o desenvolvimento dos nacionalismos croata e sérvio utilizando o basquete como termômetro, tanto como elemento unificador quanto como elemento divisor, atingindo o objetivo proposto primariamente, de realçar o papel do esporte para o campo de estudo das relações



internacionais e para a própria sociedade de uma forma geral. Espera-se, portanto, que esta pesquisa contribua para os debates propostos e abordados, bem como auxilie e estimule a comunidade acadêmica a pesquisar assuntos dessa temática, tão importante e ainda tão subestimada. Infelizmente o maior problema para a realização desta pesquisa foi a limitação de referências acerca do assunto do esporte, mas o autor entende que esta pesquisa faz parte de um projeto muito maior, que pode dar aos desportos uma relevância muito maior em termos técnicos e gerais.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a Origem e Difusão do Nacionalismo. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

AGUILAR, S. L. C., MATHIAS, A. L. T. C.. **Identidades e diferenças**: o caso da guerra civil na antiga Iugoslávia. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 4 n. 8, p. 438-454. 2012.

BANAC, Ivo. **The National Question in Yugoslavia**: Origins, History, Politics. New York. Cornell University Press, 1984.

BATINIC, Jelena. **Women and Yugoslav Partisans**: A History of World War II Resistance. Stanford University, California. 2015.

BENSON, Leslie. **Yugoslavia**: A Concise History. London. Palgrave Macmillan, 2001.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. São Paulo: Editora UNB, 2004.

BRENTIN, Dario, TREGOURES, Loïc. Entering Through the Sport's Door? Kosovo's Sport Diplomatic Endeavours Towards International Recognition. **Diplomacy & Statecraft**. New York: Routledge, v. 27 n. 2, p. 360–378, 2016.

CALIC, Marie-Janine. **A History of Yugoslavia**. Tradução de Dona Geyer. Indiana. Purdue University Press, 2019.

CESAREC, August. The national question and our missions In: **Modernism: The Creation of Nation-States**, p. 426-435. Budapest: Central European University Press, 2010.

**CROATIA**: Defining a Nation. 1 vídeo (113 min). Direção geral e roteiro Louis Myles. Reino Unido; Croácia, 2022. Publicado pela plataforma FIFA+. Disponível em: <https://www.plus.fifa.com/en/content/croatia-defining-a-nation/94ff84ba-445f-4504-bd23-e2caf4036abe?gl=br>.

DORDEVIC, Ivan. **Twenty Years Later: The War Did (not) Start at Maksimir.** An Anthropological Analysis of the Media Narratives about a Never Ended Football Game. SANU: Belgrade, 2012.

DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios.** São Paulo: Annablume, 2014.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo.** Lisboa: Gradiva, 1993.

GREENBERG, Marc L. **The Illyrian Movement: A Croatian Vision of South Slavic Unity.** Handbook of Language and Ethnic Identity: The Success-Failure Continuum in Language Identity Efforts, vol. 2, p. 364-380. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HASTINGS, A. **The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism.** University of Leeds, 1997.

HAUG, H. K. **Creating a Socialist Yugoslavia: Tito, Communist Leadership and the National Question.** London/New York, 2012.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, T. **A invenção das tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOULIHAN, Barrie. **Sport and International Politics.** Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

IUGOSLÁVIA em busca do tri. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 ago. 1990. Caderno Esportes, p. 34

LEE, Bruno. Croácia vive nacionalismo do bem à procura de ídolo nacional fora do basquete. **Folha de São Paulo**, Zagreb. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/croacia-vive-nacionalismo-do-bem-a>

[-procura-de-idolo-nacional-fora-do-basquete.shtml](#)> Acesso em: 19 de novembro de 2023.

LEVERMORE, Roger. Sport's role in constructing the "inter-state" worldview. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**, p. 16-30. New York: Routledge, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACLEAN, F. **The heretic: The life and times of Josip Broz-Tito**. New York: Harper, 1957.

MAIA, T. V.. Entrevista com a Professora Doutora Tatiana Vargas Maia sobre Nacionalismos no Século XXI. **Revista Perspectiva: Reflexões Sobre a temática Internacional**, v. 12 ed. 23, p. 222-227. 2020.

MIGUEL, S. N. **A autogestão iugoslava: caminhos e dilemas (1950-1991)**. São Paulo: História, 2020.

MILLS, Richard. **The Politics of Football in Yugoslavia**. Londres, 2018.

MULAJ, Isa. **Drazen Petrovic and Vlade Divac: Once Brothers of Different Race During the Shining Sport and Declining Self-management Economics**. University of Tetova: North Macedonia, 2022.

MURRAY, Stuart, PIGMAN, Geoffrey Allen. Mapping The Relationship Between International sport and diplomacy. **Sport in Society**, vol. 17 n.9, p. 1098-1118, 2013.

**ONCE BROTHERS**. 1 vídeo (79 min). Direção geral e roteiro Michael Tolajian. EUA, 2010. Distribuído pela ESPN.

SANDES, Arthur. Em evidência na Copa, conflito nos Balcãs já separou "irmãos no esporte". **UOL**, São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/06/23/e>

[m-videncia um -na-copa-conflito-nos-balcas-ja-fez-estrelas-da-nba-romperem.htm](https://www.globo.com/m-videncia-um-na-copa-conflito-nos-balcas-ja-fez-estrelas-da-nba-romperem.htm)>

Acesso em: 4 de março de 2023.

SMITH, Anthony D. **The ethnic origins of nations**. London, 1986.

SMITH, Anthony D. **Nationalism and Modernism**. 1ª edição. London. Routledge, 1998.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. **Contexto Internacional**: PUC Rio. Rio de Janeiro, vol. 34, ed. 2, p. 397-433. 2012.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2008.

VENOSA, Roberto. Institucionalização de tipologias organizacionais - Um estudo de caso: a autogestão na Iugoslávia. **Revista de Administração de Empresas**: v. 22, ed. 2, p. 23-36. 1982.